

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiros, Luta!

Alcides G. 36

★
N.º 14

Escreve o Bispo de Maura:

O "Syllabus" é um ato audacioso e apaixonado de um irreconciliável inimigo da sociedade moderna. É uma insistência ilegítima do Poder espiritual sobre o Poder temporal. É um desafio solene da fé e da superstição à razão e à livre filosofia. É ao "Syllabus" e à encíclica "Rerum Novarum", defensora do latifúndio, que está atrelado o Mundo Ocidental, na defesa do Capitalismo, opressor da Humanidade.

★

um artigo oportuno do
ex-BISPO DE MAURA

atual — Bispo do Rio de Janeiro

— Nesta Revista —

Luta!

Diretor-Proprietário
DOM CARLOS DUARTE COSTA
Revista Mensal Ilustrada

ANO V — Nº 14
MAIO
1951

REDAÇÃO
Rua da Constituição, 10 — sob.
Fone: 22-7368
RIO DE JANEIRO

Assinaturas

Capital Federal	Cr\$ 40,00
Estados	Cr\$ 50,00

Número Avulso

Capital Federal	Cr\$ 4,00
Estados	Cr\$ 5,00

Nota — A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

CORRESPONDENTES

Estado de São Paulo

S. Paulo: Antônio Mellace Netto
Rua 7 de Abril, 264 - 8.º s. 1.820 - Fone:
2-5470.

Santos: Antônio Mellace Netto
Rua 15 de Novembro, 28-3.º - s. 17

Ribeirão Preto: Eugênio R. Bicas
Rua Visconde de Inhauma, 36

Azevedo Marques: Aristides Gameiro.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte: João Lucas de Miranda
Rua Santa Maria, 140 — Floresta

Alfenas:

Pedro José da Fonseca
Caixa Postal, 100

Rio Novo:

José Rodrigues Araujo

Simonésia: Raimundo dos Reis Filho.

S. Lourenço — Caxambú: Austríclino Brandão.

S. Geraldo: Te. Albano Antônio de Souza
Av. S. Geraldo s/n.

São João Nepomuceno: Antônio Barroso.

Juiz de Fora: José Soares

Av. Garibaldi, 400

Divinópolis: João Vikela Fonseca

Praça do Rosário, 217

Varginha: José Dália

Caixa Postal, 163

Rua Rui Barbosa, 143 - C. p. 143

Araguari: Joaquim José Ribeiro

Rua Wenceslau Braz, 445.

Ubá: Américo Moreira Mendes Filho

Rua Cel. Júlio Soares, 311

ESTADO DE ALAGOAS

Pão de Açúcar: Miguel Gonçalves Lima

Av. Bráulio Cavalcante, 182

ESTADO DE GOIÁS

Goiânia: Agrício Braga

Caixa Postal, 45

ESTADO DA BAHIA

Salvador: Rubens Pinheiro

Rua Elias Nazaré, 10 e 12

ESTADO DE PERNAMBUCO

Recife: João Bezerra de Lima

ESTADO DA PARAÍBA

João Pessoa: Farel Fialho Viana

Caixa Postal, 35

Campina Grande: J. Leite Sobrinho

Rua 15 de Novembro, 76

ESTADO DE SERGIPE

Aracajú: Zózimo Ferreira de Almeida.

ESTADO DO CEARÁ

Fortaleza: Pe. Raimundo Simplicio de Almeida.

Rua D. Teresa Cristina, 227.

Joazeiro: Luiz França do Amaral

Rua Salgadinho, 2

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Cabo Frio: Farah Elias Farah

Rua Jonas Garcia

Rio Bonito: Oscar Nunes

Macaé: Alcebiades Vieira

Rua Eusébio de Queiroz, 7

Casimiro de Abreu: Odilon Lobo

Areal: Jayme de Souza Marques

ESTADO DE S. CATARINA

Lajes: Dom Antídio José Vargas

Caixa Postal, 93

Rio das Antas: Francisco Alves Cordeiro

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre:

Aly de Souza

Rua Conceição, 436 — Tel. 6947

Caixa Postal, 274.

Rio Grande: Walter S. da Costa

Caixa Postal, 170

Caxias do Sul: Adão Paulo Pinto

Rua Sinimbu, 1188.

Vacaria: José Júlio dos Santos

Caixa Postal, n. 4

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

TEM POR LEMA:

Deus, Terra e Liberdade!

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!

Religião é Ciência

Escreve: † Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Brasileiros: Continuemos no nosso avanço.

Dizia S. Ambrósio: "Quando leio os salmos, aprendo a confundir-me e a envergonhar-me". Eu, porém, digo: Quando leio os salmos, vejo a ciência nos mostrando o Universo em sinfonia, tecendo as glórias do Senhor. Estampada no Senhor, eu vejo a Natureza, senhora de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, governando os cimos luminosos do céu, as brisas salubres do oceano, o silêncio lúgubre dos infernos, potência adorada em várias formas, em diversos ritos, sob diferentes nomes. É a glória de Deus, manifestada pela criação, cantada por Davi: "Os céus publicam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia transmite esta mensagem ao outro dia, e uma noite comunica-a a outra noite. Não há linguagem nem idioma em que não sejam entendidas as suas vozes. O seu som estendeu-se por toda a terra, e as suas palavras até às extremidades do mundo. Deus estabeleceu o seu tabernáculo no sol, e ele mesmo é como o esposo que sai do tálamo. Dá saltos como gigante para percorrer o seu caminho. A sua saída é desde uma extremidade do céu; e o seu curso vai até à outra extremidade, e não há quem se esconda do seu calor. A lei do Senhor, que é imaculada, converte as almas; o testemunho do Senhor é fiel, dá sabedoria aos pequeninos. As justiças do Senhor são retas, alegram os corações; o preceito do Senhor é claro, esclarece os olhos. O temor do Senhor é santo, permanece pelos séculos dos séculos; os juizes do Senhor são verdadeiros, cheios de justiça em si mesmos. São mais para desejar do que o muito ouro e as muitas pedras preciosas; e são mais doces do que o mel e o favo. Por isso o teu servo os guarda, e em os guardar há grande recompensa. Quem é que conhece todas as suas faltas? Purifica-me das que me são ocultas, e perdoa ao teu servo as alheias. Si elas me não dominarem, serei imaculado, e serei purificado dum delito muito grande. Então as palavras da minha boca te serão agradáveis e a meditação do meu coração será sempre na tua presença. Senhor, tu és o meu amparo e o meu redentor".

A história dos papas, cercada do seu lúgubre cortejo de assassínios, de envenenamentos, de torturas, de incestos e de parricídios, quebra a harmonia do Universo, quando todas as criaturas são convidadas

a louvar o Senhor, dentro da ordem prefixada: "Ele estabeleceu-as para sempre, e pelos séculos dos séculos; fixou-lhes uma ordem que não será violada". (Salmo 148-v. 6).

Contra esta ordem do Senhor, insurge-se Urbano VIII, condenando Galileu, ancião que levava setenta anos a estudar os segredos da natureza, e, arrastado ao tribunal da inquisição, é lançado numa masmorra e obrigado a retratar a grande verdade de que "a terra gira em redor do sol".



O DOMÍNIO DO VATICANO NO BRASIL.

Não contente, o Vaticano, pelo Papa Pio IX, pela encíclica "Quanta Cura", de 8 de Dezembro de 1864, coloca-se contra os direitos sagrados do Homem, na defesa da teocracia, condenando o Socialismo, o Comunismo, a Maçonaria, as Sociedades Bíblicas, as Sociedades Liberais, visando todos esses absurdos o Poder temporal dos Papas.

Já, em 1849, o latifundiário Joaquim Pecci, arcebispo de Perugia, mais tarde Leão XIII, em reu-

nião episcopal, em Spoleto, havia proposto que se pedisse ao Vaticano um elenco dos erros (?) de então contra a Igreja, a Autoridade e a Propriedade Privada da terra. Essa a origem do "Syllabus", palavra latina, de proveniência grega, que significa índice.

O "Syllabus" é um ato audacioso e apaixonado de um irreconciliável inimigo da sociedade moderna. É uma insistência ilegítima do Poder espiritual sobre o Poder temporal. É um desafio solene da fé e da superstição à razão e à livre filosofia.

É ao "Syllabus" e à encíclica "Rerum Novarum", defensora do latifúndio, que está atrelado o Mundo Ocidental, na defesa do Capitalismo, opressor da Humanidade.

Religião é a ciência que estabelece a aliança entre o homem, a divindade e os demais seres cósmicos, causa, efeito e realização desta aliança. É uma sociologia, porém, mais elevada que a ordinária, que só abrange os homens. Pode ser chamada sociologia do mundo ou cósmo-sociologia, a ciência da religião, do ponto de vista objetivo. Isto não impede sejam estudadas as religiões sob ponto de vista diferente, desde o subjetivo.

Não se trata de saber se uma religião ou um conjunto de religiões, é objetivamente verdadeira, nem tão pouco, supondo-as verdadeiras, averiguar que sistema de mundo poderá ser construído inteiramente sob essa base. Trata-se tão somente de considerar a religião ou as religiões como um produto, tanto da sociedade, como do espírito humano. No primeiro caso, a religião chega a ser um ramo da sociologia, não se ocupando da sociedade em geral, mas da sociedade religiosa externa, por exemplo, da constituição de uma Igreja, das relações recíprocas entre Igrejas de várias religiões e as relações com a sociedade civil. No segundo caso, a religião chega a ser um ramo da psicologia. Os fenômenos mentais, ao produzirem-se ou particularizarem-se, se tornam fatores religiosos. A religião, neste sentido, é um produto do espírito humano, o que não quer dizer que o seja exclusivamente, mas também o é, admitida mesmo toda a verdade objetiva que possa ser desejada.

Com mais razão então, ela se rege pelas leis psicológicas, segue a evolução mental, servindo mesmo de reativo, tanto que, considerada tal ou qual religião, ou melhor o meio termo de todas, veremos o espírito humano em certos momentos como num espelho. Fixemos o nosso olhar nesta imagem. Façamos um esforço por nos esquecer dos demais elementos da religião e procuremos vê-la tão somente sob o aspecto psicológico.

Não é somente a religião a única ciência que contém considerável quantidade de psicologia. O mesmo se passa com a linguística, e o notável é que esta, como a religiosa, contém certa quantidade de sociologia e de pura psicologia. Certo é que, se o homem não vivesse em sociedade, a linguagem não existiria ou não teria se desenvolvido. É, pois, um perfeito fenômeno social e, sem embargo, entrando em pormenores, encerra grande número de elementos psicológicos. Sua sintaxe repousa diretamente na psicologia; sua morfologia lhe está subordinada; sua fonética se liberta, para cair no mundo físico; a sociologia intervem pouco, somente para tirar conclusões e servir-se dela como instrumento. Tal qual a linguagem, o direito é eminentemente sociológico, mas sua base profunda, a moral, é inteiramente psicológica; nisso, também, se vê o desdobramento de uma ciência.

Podemos fazer igual observação com relação à ciência subjetiva das religiões. Compõe-se, também, de elementos sociológicos e de elementos psicológicos. À primeira vista, parece que predominam os primeiros: religião significa aliança e aliança aqui

é a sociedade. Como terá o homem deveres a cumprir, se não tivesse semelhantes? Sem dúvida, ao adotar as idéias religiosas, pode dizer-se que, mesmo isolado, o indivíduo nunca estaria sozinho, tendo diante de si a divindade. Mas a moral e o culto estariam singularmente diminuídos. Todavia, temos que ter presente que quasi todas as manifestações de crença ou a prática são, principalmente, psicológicas e não podem ser explicadas, na sua gênese e na sua evolução, senão pelo estado mental do crente.

É fácil discernir com exatidão o que é social e o que é psicológico na religião externa, isto é, na ciência subjetiva da religião, tanto mais que somos forçados a fazer esta separação e eliminar o que é sociológico, para fixar mais a nossa atenção nos fenômenos puramente psíquicos. Assim, por exemplo, o culto parece depender da sociologia, sendo realizado em público, pelo menos em família, no que diz respeito aos defuntos, é o que se deduz certamente de uma consideração superficial, mas se o culto, com efeito, nos conduz à sociologia, suas raízes, seus fatores primordiais, estão na psicologia; foi o espírito que teve necessidade do culto, foi o espírito que evocou a Deus, primeiramente. A oração mental não é a menos fervorosa. O ideal é uma necessidade inteiramente individual, antes que outros dele participem. Buscar a origem da religião na sociedade seria, mesmo quando a religião seja muito social, tomar um caminho errado. Em suas raízes e em sua primeira evolução, a religião é psíquica. Ela não se socializa, senão em ulterior evolução. Poderíamos apresentar como exata a fórmula seguinte: A religião é psicológica no seu ponto de partida e em sua evolução espontânea; chega a ser sociológica em seu ulterior desenvolvimento.

Ainda nesta última etapa conserva proporção importante de psicologia, que pode discernir-se com algum esforço, porque fica latente. A oração em comum, por exemplo, que é social, opõe-se à privada e mental, que é psíquica. O mesmo sucede com a penitência e outros sacramentos. Mas nas mesmas reuniões piedosas, cada qual se dirige a Deus e não aos seus vizinhos, nem ao sacerdote. Há uma oração e uma adoração, entre os fiéis, em que estão materialmente juntos, porém, cada qual rogando, a seu modo, que é o que se passa, na Igreja Romana, na qual a língua oficial é a latina, compreendida por poucos.

Observadas e comparadas, atentamente, como vamos fazê-lo, as diversas religiões, admiramos grandemente sua afinidade em muitos pontos, sem que haja havido qualquer imitação. É a lei da unidade do espírito humano. De onde resulta, de modo evidente, que a religião se amolda ao espírito, cujas depressões e saliências conserva. Si assim não fosse, estas coincidências não teriam lugar.

Basta citar o fato, notável entre todos, da existência em muitas religiões de diferentes sacramentos que, por muito tempo, se acreditou serem de exclusividade do cristianismo. Do mesmo modo, as instituições da hierarquia, o sacerdócio, a vida eremítica, o profetismo, tanto que seria possível, omitidas as diferenças, formar-se uma religião ideal, que conservasse o essencial de todas as positivas. É que todas se assemelham, mais ou menos, a seu pai, o espírito humano. Do mesmo modo, em todas as gramáticas, se encontram os mesmos procedimentos, em umas em germen, em outras em pleno desenvolvimento, aparentes em umas, latentes em outras, formando, porém, um fundo comum. O gerador disso é o espírito, comunicando a todos esses procedimentos sua verdade.

Achar esta unidade na diversidade aparente das religiões, é reconstituir uma psicologia particular, mais palpável, mais visível que a psicologia geral e abstrata. É fazê-la aparecer mediante um reativo

O PÓLVO CLERICAL



poderoso, com vidro de aumento e a nosso alcance. O estudo desta psicologia parcial e de outras poderia dar o resultado de uma psicologia comum mais sólida. A história, a biografia, a sociologia étnica poderiam fornecer elementos psíquicos. Já houve uma tentativa para a formação de uma psicologia de diferentes povos. Seria útil o ensaio destas psicologias parciais, para que a ciência dê a cada uma a própria psicologia.

Nesse sentido, a ciência das religiões, é uma das que podem oferecer maiores resultados. Sua riqueza psíquica é muito grande.

Espero continuar meus estudos nesta matéria, deixando de parte o elemento sociológico, para cuidar especialmente do elemento psicológico.

Analisaremos o dogma, a moral e o culto de cada religião, procurando seus fatores psíquicos e o resultado reduzido no estado mental do homem. Em seguida, traremos a público os fatos observados, dentro das leis psíquicas que os regem, fazendo todas as leis dependerem da lei dominante,

que é a lei da unidade do espírito humano. Depois de todos esses estudos é que chegaremos à origem psicológica das religiões, a qual nos dará a conhecer suas causas psíquicas.

Do acurado estudo da religião, verificaremos que a "religião" da Igreja Romana ou do Vaticano não merece nem sequer esse título. É uma profanação de religião. Nunca religião. E isso porque ela se colocou contra a ciência, enganando, através de séculos, e atrofiando o espírito humano. Isso é crime contra a religião e contra a ciência. O Vaticano não passa de um partido político católico internacional, visando arrancar, roubar, dinheiro de todas as nações para enriquecer os cofres da Igreja Romana, que com os seus nuncios, cardiais, bispos, padres, frades, freiras trazem a anarquia religiosa, política e econômica, a todas as nações, mediante a intriga de uns povos contra os outros, para tirar partido de todos os povos e manter sempre cheios os seus tesouros.

Religião é coisa muito séria. É ciência.

O Papa será o sucessor de S. Pedro?

Pe. Dr. Francisco Alves Corrêa, da ICAB.

Hoje o Bispo de Roma é — O Vice-deus na terra, o Vigário de Cristo, o Sucessor de S. Pedro, o Infalível, o Papa-Rei, o Bispo dos Bispos, com jurisdição plena e inapelável sobre todos e cada um dos seus súditos em toda a superfície da terra. E o seu distintivo — a Tiara — com a triplice coroa, diz que ele manda com direito próprio e inalienável no Céu, na Terra e nos Infernos. E as duas Chaves simbolizam o poder supremo que ele se arroga possuir sem contraste, até contra a consciência individual e até contra o próprio Deus, atando ou desatando, perdoadando ou conservando em culpa a quem lhe aprovar, abrindo as Portas do Céu ou escancarando as do Inferno para lá precipitar a todos os que não se lhe quiserem submeter de olhos fechados...

Esta é a doutrina imposta como de fé pelos concílios Tridentino e Vaticano. E quem não forçar a própria inteligência ao assentimento incondicional nestas Verdades de Fé Católica Romana, *anathema sit!!* — seja exterminado do meio da Igreja de Cristo, seja considerado como pagão e pecador, votado sem escapula às chamas eternas!

Esta a Doutrina hoje ensinada na Igreja do Papa. Vamos agora pacientemente pesquisar a doutrina da Igreja de Cristo nos começos do Cristianismo. Indagaremos: — 1) — Se S. Pedro foi Bispo de Antioquia: — 2) — Se S. Pedro foi Bispo de Roma: 3) — Se o atual bispo de Roma é legítimo Sucessor de S. Pedro: 4) — Se S. Pedro foi a Pedra Fundamental sobre a qual Jesus Cristo levantou a Igreja: 5) — Se Jesus deu a S. Pedro todo o poder no céu e na terra.

I — SE S. PEDRO FOI BISPO DE ANTIOQUIA

A Tradição do Quarto Século para cá afirma que S. Pedro foi Bispo de Antioquia durante sete anos, e que, deixando esta Cidade, se domiciliou em Roma onde residiu por vinte e cinco anos e alguns meses, e onde morreu martirizado na cruz.

Ora, S. Pedro foi martirizado (segundo essa Tradição) no ano de 67, a 29 de Junho. Portanto ele deveria ter vivido em Antioquia desde o ano de 35, indo para Roma só ano de 42.

Mas essa Crônica contradiz a narração dos Atos dos Apóstolos e a exposição juramentada de S. Paulo em sua Epístola aos Galatas.

Tomemos esses Documentos divinamente inspirados:

"Os cristãos dispersos pela perseguição que vitimou a S. Estevão, foram os primeiros evangelizadores de Antioquia" (Atos, Cap. II, 19).

"O primeiro Apóstolo que pregou em Antioquia foi S. Barnabé". (II, 22).

"Barnabé foi a Tarso em busca de Saulo, e o levou para Antioquia". (25).

"Estes fatos se deram antes da fome que houve no Império de Cláudio" (Atos, II, 28).

Nesse tempo Pedro permanecera em Jerusalém, de onde fora enviado pelos Apóstolos à Samaria, em companhia de João, para confirmar os cristãos convertidos e batizados pelo Diácono Filipe. (Atos, 8, 14).

Se Pedro fôsse tido e havido como Príncipe dos Apóstolos, como Chefe Supremo, *poderia ter sido mandado* pelos outros Apóstolos seus inferiores?

* * *

Depois da conversão de Saulo, este foi para a Arábia (sem passar por Jerusalém) voltando novamente à Damasco de onde teve que sair fugido, indo para Tarso, (Atos, 9, 27 a 30. Gálatas, 2, 17) passando por Jerusalém onde foi apresentado aos fiéis por Barnabé.



OS PRESOS POLÍTICOS SÃO ESPANCADOS, ÀS VEZES ATÉ A MORTE, SEM UM PROTESTO DA IGREJA ROMANA, QUE FINJE NÃO VER, PORQUE MUITOS DELES FORAM EXCOMUNICADOS PELO "PAPA". DEPOIS PREGAMOS OS MANDAMENTOS DE DEUS. PURA HIPOCRISIA!

Esta foi a segunda vez que Saulo foi à Jerusalém depois de convertido, tendo ido antes sozinho 3 anos depois da própria conversão (Gal. 2) em busca de Pedro. Portanto foi depois do ano de 37, admitindo-se que sua conversão se houvesse verificado no ano de 34. (Gal. I, 18).

Nesse tempo visitava os cristãos em Lydda e Joppe (Atos, 9, 31-35) em Cesaréia da Palestina (Atos, 10, 24) de onde voltou à Jerusalém (Atos, II, 2) onde se viu constrangido a se justificar perante a Igreja, pois os cristãos judeus o interpelaram: — "Porque entraste em casa de homens não circuncidados e comeste com eles?" (Atos, II, 2)!

Ora! que idéia faziam estes Judeus-Cristãos da

Pouco antes da morte do Rei Herodes, Agripa I, que reinou entre 41 e 44, sob o Impérador Cláudio, Pedro, estando domiciliado em Jerusalém, foi prêso (Atos, 12) e saindo da prisão, *foi para outra parte*. Os exegetas da igreja do Papa querem que tenha ido diretamente para Roma.

Isto já foi pelos anos de 42, em que Pedro devia ter se mudado para Roma.

Em conclusão: — O Apóstolo S. Pedro não foi bispo de Antióquia, e a Comemoração da sua Cátedra em Antióquia, solenizada na Igreja do Papa no dia 22 de Fevereiro, é, pelo menos, um êrro histórico... que não se pode conciliar com a narrativa dos Atos dos Ap.

*

* *

Anáthema sit! — Seja excomungado quem o negar!

Entretanto, firmado em testemunhos anteriores ao Quarto Século, podemos assegurar que essa tradição não transmite a Verdade histórica. Se não, leiamos:

Neste trecho temos o testemunho de Eusébio de Cesaréia, de Rufino Tyrannio, seu tradutor, que viveu entre 345 — 410, e de Orígenes, que viveu entre 185 e 255, e cujas *Explanções* foram a fonte em que Eusébio se informou.

C. SÜETONIUS TRANQUILUS, pagão, na Biografia do Imperador Cláudio, diz: — "*Judeos, impulsore Chresto, assidue tumultuantes Roma expulsi.*" Quer dizer: O Imperador Cláudio expulsou de Roma aos Judeus que viviam em continuas desavenças por causa de um certo Cresto (Cristo)". Ora, Cláudio foi Imperador desde o ano de 41 até 54. Logo, nesses treze anos não era possível que S. Pedro residisse em Roma.

e sua esposa Priscila, recentemente chegados da Itália, pelo motivo de Cláudio Imperador ter mandado sair de Roma todos os judeus. Ora, este encontro do Apóstolo deuse no correr da sua segunda viagem apostólica, isto é, entre os anos de 49 a 53. Logo, ainda nesse tempo, Cláudio não permitia a permanência de judeus em Roma. Como ficaria lá S. Pedro que, como Apóstolo, necessariamente devia chamar a atenção geral sobre a sua Pessoa?

Herodes Agripa I, Rei dos J. nomeado pelo Imp. Claudio em 41, morreu em 44. (Atos, 12, 20-s).

1) Se Pedro estava em Roma ao tempo em que se reuniu o Concílio dos Apóstolos em Jerusalém, pelo ano de 51, como se explica sua presença nesta Assembléia? Pois que êsse Concílio por ninguém foi convocado, tendo ido a Jerusalém Paulo e Barnabé depois da sua primeira viagem apostólica sem aviso prévio e “em consequência de uma revelação” feita a Paulo (Gal. 2,22), e com o fim de conferir com os que eram reputados Colunas da Igreja (Pedro, Tiago e João) a respeito de se deviam ou não sujeitar-se à circuncisão e demais preceitos da Lei Mosaica os cristãos não judeus. (Gal. 2, I s.) Deveríamos supor que também Pedro tivesse recebido uma revelação especial a fim de ir de Roma a Jerusalém para responder às dúvidas de Paulo? E porque os demais Apóstolos lá não se encontraram?

(Esta Assembléa se reuniu entre a 1.^a e a 2.^a viagem de S. Paulo, pelo ano de 51).

E nos começos do ano 59, quando de Corinto Paulo dirigiu sua magistral Epistola aos Romanos, quem crerá que o Apóstolo houvesse usado da linguagem livre que usou, e que no correr de todo êsse longo e importante Documento nem de leve houvesse tocado cu aludido à presença do Seu Grande Colega na Capital do Império? Como, se explica o silêncio de Paulo quando no final da monumental Epistola saúda nominalmente aos Fiéis que lá trabalhavam com espirito apostólico, e se esquece absolutamente de saudar ao Grande Chefe, ao Príncipe dos Apóstolos, Pedro?

Se S. Pedro estava em Roma no ano sessenta, como se harmoniza a revelação referida nos Atos (23, II) em que Jesus disse a Paulo: — "Importa que dês testemunho de MIM também em Roma"? — Que fazia lá o Príncipe dos Apóstolos, que não tornava conhecido o Divino Mestre?

2) Mas o que mais nos convence da impossibilidade de S. Pedro haver residido permanentemente em Roma, é a leitura atenta do último Capitulo dos Atos dos Apóstolos. Com effeito, conforme ali se lê, S. Paulo foi a Roma pela primeira vez prisioneiro, em virtude de haver apellido para o Tribunal de César, pelos anos de 60 ou 61, lá não encontrando cristãos entre os judeus. Ora, se S. Pedro estivesse em Roma *pregando exclusivamente aos Judeus como nos garante Eusébio*, como se pode explicar a ignorância dos principais judeus de Roma, que disseram a Paulo: “*Queríamos ouvir de tua bôca o que pensas, porque o que nós sabemos desta Seita (dos Cristãos) é que em tôda parte a combatem*”. — Então Pedro, durante cêrca de dezoito anos poderia permanecer desconhecido aos principais judeus de Roma? Ele “a quem fôra confiado o Ministério aos circuncidados” — no dizer de Paulo (Gálatas. 2, 7-8), e de Eusébio Pamphili? E nem se diga que os Principais Judeus rataram a toda evangelização, porquanto lemos no versículo 24 que — “alguns dêles criam no que Paulo dizia, outros porém, não criam. E como não estives-

sem concordar entre si, retiravam-se" — Que fizera S. Pedro nos seus quase quatro lustros de Cátedra em Roma?!

* * *

Contra o testemunho de Eusébio de Cesaréa, podem me objectar o mesmo Eusébio, que nas Crônicas ensina: — "Pedro Apóstolo (Galileu de nação e primeiro Pontífice dos Cristãos) tendo fundado a Igreja de Antióquia viajou para Roma, onde, pregando o Evangelho aí ficou como Bispo durante 25 anos".

Respondo que este testemunho não pode ser aceite, porque só aparece na versão de Sofrônio Eusébio Jerônimo, que viveu entre 340 e 420, e que era uma Aulico do Bispo de Roma e Secretário do papa Dámaso. Aliás, se fôssemos obrigados a aceitar este testemunho mais do que suspeito em fato de História Antiga, como poderiam os católicos do Papa rejeitar o mesmo autor como testemunha do fato acontecido apenas doze anos antes do seu nascimento, e que ele afirma enérgicamente: — A apostasia do papa Libério que se tornou hereje ariano em 352? — E com que direito recusarão a sua doutrina (aliás aceitabilíssima) sobre a nenhuma diferença entre Bispo e Presbítero,

* * *

III — QUEM TERÁ SIDO ENTÃO O PRIMEIRO BISPO DE ROMA?

S. IRENEU, Bispo de Leão, na França, martirizado no ano de 202, nos informa: — "Mateus escreveu na linguagem dos Hebreus um Evangelho no tempo em que Pedro e Paulo pregavam e fundavam a Igreja de Roma. Depois da morte destes, Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, também nos deixou por escrito aquilo que por Pedro havia sido anunciado. E também Lucas, sequaz de Paulo, reuniu em Livro o Evangelho por este pregado... Enquanto estes santos Apóstolos (Pedro e Paulo) fundavam e instruíam a igreja (de Roma) entregaram a Lino o episcopado e administração da mesma igreja. Deste Lino, Paulo se lembra nas Epístolas a Timóteo. A Lino sucedeu Anacleto; depois, em terceiro lugar Clemente foi escolhido para bispo pelos Apóstolos. O qual Clemente (e não só ele, mas muitos outros seus coetâneos doutrinados pelos Apóstolos) viu os mesmos Apóstolos, e com eles conferiu e tinha sob os olhos as tradições apostólicas, de cuja predicação os ecos ainda não se haviam extinguido". (ML, 7, 844).

Considerando a finalidade político-religiosa confessada por S. Ireneu, seu testemunho torna-se decisivo. Alarmado pelo pulular de heresias e de interpretações absurdas da Bíblia, procurava ele pôr um dique à tamanha calamidade, propondo uma Igreja que pudesse tornar-se como que o *padrão* seguindo o qual se coibisse a dispersão de doutrina e de disciplina. Estudou com esse intuito meticulosamente, a sucessão apostólica das mais importantes Dioceses então existentes, pesquisando ao mesmo tempo a conservação da doutrina e das tradições apostólicas em cada uma delas. E concluiu propondo como *exemplar* a Igreja de Roma, por sua maior autoridade e principalmente, isto é, por ser a da Capital do Império. Ora, se este santo procedeu com tamanho zelo e com o confesso escrúpulo, não é crível que, estando a menos de dois séculos dos tempos apostólicos, houvesse errado. Podemos pois ter como absolutamente certa a verdade histórica da sua relação.

Para abundar em provas, apresentamos ainda a Tertuliano, falecido em 222. Em polémica com os

herejes, no ano de 200, e provocando-os a apresentarem a sucessão apostólica de suas Igrejas, diz: — "Assim como a Igreja de Smirna tem a Policarpo como seu primeiro bispo, ali colocado pelo Apóstolo João; assim como a Igreja de Roma apresenta a Clemente ordenado bispo pelo Apóstolo Pedro, assim, (ML 2, 44). Portanto este ardente polemista apresenta-nos Clemente como ordenado por Pedro. E que foi o terceiro bispo de Roma, lêmos acima, referido por S. Ireneu.

Ou será que Pedro admitiu como colegas no episcopado a Lino, Cleto e Clemente contemporaneamente? Nesse caso, porque não admitiu ao grande Paulo?

* * *

Abordemos agora o Quarto Ponto da nossa Tese:

IV — SERÁ O ATUAL BISPO DE ROMA SUCESSOR DE S. PEDRO?

Pelo exposto já se vê que não. Pois se S. Pedro não foi bispo de Roma.... Podemos porém formular outra pergunta: — SERÁ O ATUAL BISPO DE ROMA SUCESSOR LEGÍTIMO DE S. CLEMENTE?

Responderemos negativamente, pois quem diria que, se fôsse restaurado o Império do Brasil, o futuro Imperador seria Sucessor de D. Pedro II? Ora, a sucessão do bispado de Roma foi interrompida por mais de uma vez, como se convencerá o leitor pela narração da História Eclesiástica do Cardeal J. Hergenroether, completada pelo Mons. J. P. Kirsch e traduzida para o italiano pelo P. Jesurta Enrico Rosa. Eis quanto nos narram esses conspícuos personagens e sábios autores, romanos como os que mais o sejam. No Terceiro Volume da *Storia della Chiesa*, edição da Libreria Editrice Fiorentina de 1905, páginas 247 e seguintes:

"Com a morte do papa Formoso, a 4 de Abril de 896, começou uma era de profunda depressão para a Sé Romana, como nenhuma houve antes ou depois... As facções políticas dela se apossaram, ameaçando de arrastá-la à barbárie dos tempos. Dentro de oito anos (896 — 904) sucederam-se nove Pontífices. BONIFÁCIO VI, eleito tumultuariamente, só reinou por quinze dias, pois que o partido Spoletano entronizou um dos seus — ESTEVAO VI (propriamente VII). Este... ultrajou a memória de Formoso com cego furor... Mandou desenterrar seu cadáver e apresentá-lo perante um Tribunal Eclesiástico que o declarou papa ilegítimo e nula sua eleição! em seguida atiraram o cadáver no Rio Tibre... Em uma arruaça, Estevão foi apanhado e estrangulado no cárcere, em Junho ou Julho de 897".

Sucedeu-lhe um sacerdote ancião chamado ROMANO, o qual só pontificou quatro meses. Assumiu então o papado TEODORO II, que só durou vinte dias. JOÃO IX ficou até o estio de 900. BENTO IV, até 903. LEÃO V foi, antes de um mês de pontificado precipitado por CRISTÓVAO, e este, no fim de Maio de 904, teve o mesmo fim às mãos de SÉRGIO III.

Este (Sérgio) já desde o reinado de Teodoro II havia tentado apossar-se do trono pontifício, sendo porém, expulso e exilado. Depois de sete anos de exílio, chegou finalmente ao termo de suas ambições. Ele havia sido sagrado bispo de Cere pelo papa Formoso, o qual assim tentara afastá-lo da Corte Romana, por ser elemento indesejável. Entretanto, tão logo assentado na curul pontifícia, declarou *ilegítimas* todas as ordenações conferidas por Formoso (portanto também a própria sagração epis-

Paremos um momento para... respirar. Estes senhores que se sucederam mediante o assassinato uns dos outros; estes senhores que foram eleitos (?) à força de traições e de violências inqualificáveis; estes são *Sucessores* dos Santos Mártires Lino, Cleto, Clemente? OH! NÃO! O bispado de Roma vagou nesse tempo, e os bispos posteriores já não podem ser considerados sucessores daqueles aos quais os Apóstolos Pedro e Paulo confiaram a cura espiritual dos remanos!

A João X sucedeu LEÃO VI e sete meses depois, ESTEVÃO VII. Daí a dois anos, em 931, outro filho de Marócia subiu ao trono, com o nome de JOÃO XI.

João XI foi liquidado em 936, sucedendo-lhe LEÃO VII (936-939), ESTEVAO VIII (própria-mente IX), de 939 — 942, MARINO II, de 943 — 946 AGAPITO II, de 946 — 956, e finalmente OTA- VIANO, neto de Marócia, e que foi o primeiro a mudar de nome, ao galgar o trono papal. Tinha ele 18 anos e se denominou JOÃO XII.

Pois bem, assim como Otão I (Imperador desde o ano de 936) não se pode considerar sucessor de Constantino o Grande, e nem mesmo de Carlos Magno, assim os bispos que se seguiram não se podem razoavelmente considerar sucessores dos bispos de Roma dos tempos apostólicos.

Leiamos agora a página 271 do mesmo volume. "JOÃO XIX, acusado de negligente e de avaro governou até 1032. A maior desgraça da igreja (romana) era que a sua família (dos Condes de Tús-culo) mostrava-se convencida de que para sempre o pontificado (romano) era um bom hereditário de sua propriedade. E sem atender ao mérito de quem o ocupasse, esforçava-se por conservá-lo. Desta pro-génie haviam já saído seis papas, e agora o sétimo, filho ainda não de vinte anos de Alberico, e irmão dos dois papas anteriores, chamava-se TEOFILAC-

Em 1044 rebentou uma *revolta geral* contra êle. BENTO IX se escapuliu e em seu lugar foi coroado papa João, bispo de Sabina, que tomou o nome de SILVESTRE III. Mas, em Abril do mesmo ano, Bento IX conseguiu voltar ao Trono e excomungou todos os rebeldes, mandando muitos para o outro mundo a dar contas a S. Pedro. Vendo-se, porém, em perigos contínuos, renunciou, no dia primeiro de Maio de 1045, deixando a *Cátedra de S. Pedro* (incrível) a um Arcipreste chamado João Graciano, o qual tomou o título de GREGÓRIO VI, e *gratificou* com "*grossa somma di-danaro*" ao seu abnegado e digno Antecessor. (Não foi *simonia*, pois que o Sucessor de S. Pedro não pode cair em tão feio pecado!)



A Águia da Germânia (o Rei Henrique III) olfatando fácil e pingüe prêsa, desceu em amplo remigio até à Itália, e se fez coroar Rei da Lombardia a 25 de Outubro de 1046, em Pavia, soliciando de Gregório VI uma entrevista em Placência. Desta Cidade seguiram ambos com grande pompa para Sutri, onde se reuniu um Concílio sob a Alta Direção de Henrique III. Neste Concílio Gregório VI renunciou (*espontaneamente*, já se vê); de Bento IX não se disse palavra (para não magoar sua nobre estirpe, certamente!); e Silvestre III foi aprisionado e recolhido ao aliuhe de um Mosteiro, em cas-

dro, e da sua prerrogativa de infalível, ousaram re-
preendê-lo, não sem certa severidade.

Lemos no Evangelho de S. Mateus, 16, que, em
seguida às palavras proferidas por Jesus em louvor
da fé confessada por Pedro na Sua Divindade, Ele,
Jesus, começou a manifestar aos Apóstolos quanto
deveria padecer. Pedro então, cheio de confiança,
interpelou ao Senhor, increpando-O: — "Deus tal
não permita, Senhor: não Te sucederá isto! Jesus
porém, voltando-se indignado para Pedro, redargui-
lhe: — Retira-te de Mim, satanás, que me és moti-
vo de escândalo, porque não alcanças o sentido das
coisas de Deus e apenas as referentes aos ho-
mens."!!

Imediatamente após à ordem: — *confirma teus
irmãos*, Jesus lhe prediz a renegação; e logo depois
do: — *Apascenta minhas ovelhas*, Jesus repreende
sua curiosidade a respeito do destino de João, dizen-
do: — "Se Me agradar que Ele permaneça até que
Eu venha, que te importa isso?"

Ora estas repreensões públicas não abonam de
forma nenhuma a intenção de fazer de S. Pedro o
ente extraordinário que dizem que é o papa, seu
pretendido sucessor.

S. Paulo, na Epístola aos Gálatas 2, II, conta
que: — "tendo vindo Cefas (Pedro) a Antióquia,
eu lhe resisti na cara, porque merecia repreensão.
Porque antes que chegassem alguns (judeus) de
Tiago (de Jerusalém), Ele (Pedro) comia com os
gentios; mas depois que eles chegaram, retirava-se
e separava-se (dos gentios) com receio dos que eram
circuncidados (judeus)".

E também os outros judeus o seguiam nesta hi-
pocrisia, de modo que até Barnabé foi arrastado pela
simulação deles. Ora eu notando que eles não pro-
cediam corretamente dizendo a verdade do evange-
lio, disse a Cefas na presença de todos; — Se tu,
sendo judeu vives como gentio e não como judeu,
porque obrigas (com teu mau exemplo) os gentios
a viver com judeus. Deste fato podemos tirar mui-
tas consequências, por exemplo: —

- 1) — Que Pedro Não era reconhecido como Chefe
Supremo e infalível; —
- 2) — Que era ainda o mesmo tímido-impulsivo que
negara a Cristo: —
- 3) — Que estava possuído de respeito-humano a tal
ponto, que não soube como haver-se naquela
circunstância: —
- 4) — que não estava firme na doutrina pregada por
Paulo "sob inspiração divina"; A respeito da
liberação total dos cristãos quanto aos precei-
tos da lei mosaica; — preceitos que o mesmo
Pedro, poucos dias antes, na Assembleia de
Jerusalém, havia qualificado de "Jugo intol-
erável". (Atos, 15, 10).

* * *

Mas... talvez, em seguida aos tempos apostó-
licos, a Igreja Cristã, em bloco total, aceitasse a
primazia do bispo de Roma, como Chefe Supremo e
Infalível...

Nada disso! O sentido aceito e exposto pelos
principais Doutores da Igreja Primitiva, entende a
expressão — *Sobre esta pedra* — não da pessoa de
Pedro, mas da fé na Divindade de Cristo que Pedro
confessara, e que esta fé é a pedra fundamental sobre
que Cristo declarou que edificaria a sua Igreja.

Para esta exposição que foi aceita por nume-
rosíssimos preceitos antigos, ser credenciada como
a mais provável e mais geralmente subscrita, bas-
taria ter por si a autoridade de um Orígenes e de
um S. Agostinho, o qual, no Livro I, Capítulo 21

das Retratações, expressamente afirma que sempre,
salvo uma vez, expusera aquela afirmação — *sobre
esta pedra* — não como se se referisse à pessoa de
Pedro, mas sim de Cristo, cuja Divindade Pedro ha-
via confessado.

* * *

COMO ENTÃO SE EXPLICA A PRIMAZIA DO BISPO DE ROMA? EXPLICA-SE:

I) — ANTES DO IMPÉRIO DE CONSTAN-
TINO, — pela necessidade de haver alguém que
decidisse as dúvidas surgidas na interpretação da
doutrina evangélica.

Muito contribuiu para que se centralizasse a
autoridade na Sé Romana, o alvitre de S. Irineu
(† 202) o qual, como Ele mesmo confessa, procurou
conscienciosamente um bispo que pudesse ser aceito
pela maioria do episcopado, para desempenhar a es-
pinhosa missão de árbitro nas questões disciplinares
e nas dúvidas e controvérsias doutrinárias, que sur-
giam frequentemente entre os bispos das várias
Igrejas.

Este alvitre, muito racional e justo, como se vê,
foi aceito quase imediatamente pela quase totalidade
das Igrejas, e fez com que o bispo de Roma come-
çasse a ser consultado com frequência, o que muito
contribuiu para aumentar a sua autoridade.

II) — NO COMEÇO DO IMPÉRIO DE
CONSTANTINO. — Este Imperador vitorioso,
compreendendo que era inútil continuar a querer ma-
tar a idéia cristã matando os cristãos, e que o triun-
fo da nova religião era inevitável, como clarividente
político, julgou melhor servir-se da religião como
de aliada para consolidar o próprio poderio. Deixou
então o bispo de Roma quase como um seu Lu-
gar-tenente no poder civil, e foi estabelecer em Bi-
sâncio o próprio sólio imperial.

Emanou vários Decretos favorecendo a nova
religião que triunfava, concedeu os direitos de cida-
dão romano a todos os cristãos, e ordenou que ao
bispo de Roma recorressem todos os cristãos, con-
ferindo-lhe autoridade para julgar qualquer questão
fosse levada ao seu Tribunal, e mandando que os
Procuradores das Províncias e os Oficiais de Jus-
tiça executassem todas as suas ordens.

É claro que nessa ocasião o bispo de Roma re-
cebeu um impulso fortíssimo, que o levava a conse-
guir com a maior facilidade a hegemonia sobre toda
a cristandade.

Entretanto nem todos os bispos cederam sem
resistência à força das circunstâncias políticas da
época, e mesmo.

III) — DEPOIS DA MORTE DE CONS-
TANTINO, não obstante reiterados Decretos do Im-
perador Constante e Sucessores, encontramos resis-
tência em muitos lugares, por exemplo: — No ano
de 418, reuniu-se em Cartago um Concílio de todos
os Bispos Africanos, o qual estabeleceu o seguinte
Cânon: — "Igualmente decidimos que os Presbi-
teros, Diáconos e outros Clérigos inferiores, nas
causas que surgirem, se não se conformarem com a
sentença dos bispos locais, recorram aos bispos vi-
zinhos e com eles terminem qualquer questão...
que, se ainda não se julgarem satisfeitos e quise-
rem apelar, não apelem se não para os Concílios
Africanos ou para os Primazes das próprias Pro-
víncias: — *Quem se atrever a apelar para a Sé
Transmarina (Roma) não seja mais recebido na co-
munhão por nenhum bispo africano*".

Por esta Regra Conciliar se compreende que os
bispos da África não aceitavam e não queriam que
fosse aceita a jurisdição do bispo de Roma! E já

Esperava, porque o duque de Montmorency no seu insaciável desejo de vingança, lhe mostrara que a vida dêle valia alguma coisa, e que portanto êle havia de conservá-la o mais tempo que pudesse.

Mas havia algum tempo que as coisas tinham mudado. Havia algum tempo que o prisioneiro já não sentia a fúnebre tranquilidade de outros tempos; a vida, aquela vida que havia muito parecia ter fugido daquele medonho cárcere, tornava a entrar ali, e agitava com os seus sobressaltos o descarnado peito do mártir.

O conde de Poix esperava; e tôdas as agonias da esperança o atormentavam.

Era que havia algum tempo que se dera um fato estranho e inverossímil. Alguém conseguira introduzir naquela prisão um bilhete.

Existia então no mundo exterior alguém que conhecia a prisão do conde, e que se empenhava em libertá-lo!

O bilhete, naturalmente sem assinatura, fôra encontrado pelo conde no meio das suas cadeias. Não continha senão estas poucas palavras:

"Tende esperança; há quem pense em vós!"

No dia seguinte em que o conde de Poix tinha lido aquêlê bocadinho de papel, julgava-se mais feliz do que qualquer rei entre os esplendores do trono. Invadiu-o uma alegria imensa, uma alegria ultrahumana. Aquele contentamento sem igual tê-lo ia matado si elle não tivesse fibra de ferro.

Desde aquele dia o senhor de Poix mudou de aspecto. O abandono que tornara horrível a pessoa do conde, e que mais aumentava o horror do cárcere, cessou. Desde então o conde tratou de se conservar de pé, tanto quanto lhe consentia o comprimento dos ferros, de se mover, numa palavra, de desenvolver e reforçar os membros entorpecidos por uma prolongada inação.

Poucos dias depois, encontrou novo bilhete. Desta vez o conde julgou endoidecer. O papel não tinha escritas senão as palavras do primeiro bilhete, mas com esta assinatura, que compendia mil promessas e espezanças:

"Vosso filho!"

Então o nobre mancebo, sem dúvida perseguido e proscrito conseguira iludir o ódio de Montmorency, e rondava as imediações da casa do duque, na qual sem dúvida tinha relações — aqueles dois bilhetes provavam-no exuberantemente!

Então, enquanto que o pai se condenava ao mais tremendo cárcere, para não privar da sua herança o filho, este arriscava a vida, ou pelo menos a liberdade, tentando salvar seu pai!

Nobre filho, na verdade digno de tal pai!... E pensar êste que êle estava ali fora, a poucos passos, rodeado de perigos!

O conde orou com fervor.

Orou para que seu filho estremecido, que por sentimentos e virtudes se mostrava digno de tal pai, saísse ileso da terrível luta que ia travar.

Orou, pedindo ao céu que, si tinha de haver uma vítima, o golpe caísse antes no velho e árido tronco, em vez de ferir a vergõntea nova e robusta. Orou para que o triunfo da sua causa não custasse lágrimas a ninguém, nem mesmo aos seus mais encarnicados inimigos.

E enquanto orava, grossas lágrimas sulcavam as faces emagrecidas do nobre velho, e aquela tristeza consolava-lhe e desoprimia-lhe o coração.

Quanto a adivinhar quem tivesse atirado para dentro do cárcere aquêles bilhetes, ao princípio não o conseguiu, por mais que cismasse.

Na oração não entravam senão duas pessoas! Uma era o duque de Montmorency, o carrasco que vinha deliciar-se com a agonia da sua vítima, e certificar-se de que as suas cruéis ordens tinham sido cum-

pridas; a outra era o preboste, verdugo ainda mais cruel e feroz do que o amo, si tal era possível.

É certo que havia já algum tempo o preboste não vinha á prisão, mas tinha sido substituído por uma tal figura de assassino, que o conde pensava ter perdido muito na substituição.

Por isso, acabou por concluir que os seus libertadores dispunham de algum meio secreto para lhe fazerem chegar á prisão aquêles avisos de salvação, si não era o mesmo Deus que, comovido com as angústias daquêle desgraçado, tinha feito um milagre para o salvar.

Naqueles tempos a fé era mais sincera do que em nossos dias. Demais, os anos passados num cárcere e no maior desespero, favorecem grande o desenvolvimento dos sentimentos religiosos: a solidão e o perigo concorrem muito para erguer o pensamento para o céu!

Desde aquêlê dia o conde de Poix nunca mais esteve só; tinha consigo uma doce e luminosa esperança. A sua vista nunca mais foi limitada pelas paredes daquela estreita prisão; êle via horizontes mais vastos, e o seu pensamento, que nenhum pêso de ferros podia deter, galopava livremente pelos verdes prados do condado de Poix.

O duque notava que a serenidade do seu inimigo era cada vez maior, e estremecia, não podendo compreender-lhe a causa. Mas de todas as suposições que lhe passavam pela mente, a suposição de que o conde pudesse evadir-se era tão esiravagante e tão impossível, que faria rir toda a gente.

O palácio do duque de Montmorency, condestável do reino, estava mais bem guardado do que o do rei de França!

O duque trazia, constantemente, pendentes da cinta, as chaves da prisão. Era preciso ser louco para ter ilusões sobre o êxito de tal tentativa!

Um dia, o servo que acompanhava o senhor de Montmorency nas suas excursões, disse-lhe com certo mistério:

— Monsenhor, parece-me que o prêso endoideceu, ou pelo menos está quase doido... Morde os ferros como um desesperado...

— É possível!... Aí está explicada a razão do seu sossego de há dias... E está furioso?..

— Com certeza. E até, si monsenhor quisesse vê-lo... mas bem acompanhado, porque deita uns olhares que parecem lume...

— Acompanhado!... — disse o duque encolhendo os ombros. — Pois bem, escolhe então o mais fiel dos nossos... Mas na verdade é uma vergonha que um homem como Montmorency precise de dois para se defrontar com um homem amarrado.

— Monsenhor, já se tem visto alguns doidos quebrarem as cadeias... A força daqueles desgraçados é incalculável... Si o senhor duque consente, levarei comigo o Ruço.

— Ah! teu sobrinho... Aquêlê bravo rapaz que me pediu que o auxiliasse para obter o lugar de ajudante do carrasco de Paris... Hei-de conseguir-lho, palavra de Montmorency!... uma tal vocação merece ser ajudada. Mas sabes que tens uma bela família, Domingos?... Teu sobrinho é um carrasco aspirante... e tu...

— E eu mostro vocação... — respondeu Domingos num tom feroz. — Monsenhor, experimente-me, e verá o que eu sou capaz de fazer... Então o senhor duque consente que eu leve comigo meu sobrinho?

— Si entendes que é preciso, arranja lá... — disse despreocupadamente o duque.

Veiu o sobrinho de Domingos. Lançava em volta uns olhares torvos e cheios de ferocidade que,

impenetrável, e não havia meio de descobrir nela a almejada saída.

O pobre velho, alquebrado por tão longo cativoiro, já não podia mais. O filho, sempre sereno e forte, amparava-o com o braço, e quase o levava em péso; mas por fim sentiram-se ambos sem forças.

— Por aqui... por aqui... — disse afinal Domingos, todo esbaforido. — Descobri uma saída!

A luz do crepúsculo penetrava por uma invisível fresta, entre a parede e o teto. Os fugitivos precipitaram-se para o corredor, que se abria ao lado direito, e a fraca claridade que ainda havia, viram um tabique de madeira já muito carcomido pelos anos e coberto de teias de aranha.

Para lá daquele tabique via-se a luz, que brilhava através das numerosas fendas.

— Eis a salvação! eis a liberdade!... — exclamou o servo com um entusiasmo que o terror até aí experimentado ainda duplicava.

E empurrou o iraco tabique com tanta força, que as tábuas caíram para a frente e deixaram grande abertura.

Mas Domingos soltou um grito de terror e recuou horrorizado.

Aquêle tabique vedava o ingresso para uma grande sala circular e que era iluminada por uma abertura redonda, que havia no alto.

Mas aquela sala... não tinha pavimento. Havia apenas uma estreita faixa em volta de um grande poço, onde as táboas do tabique caído com espantoso fragor, e onde Domingos também se teria precipitado si não tivesse recuado a tempo.

É no fundo do poço, á luz indecisa e trêmula do crepúsculo, viam-se cintilar as afiadas lâminas de aço, que lhe serviam de revestimento...

— Eu já tinha ouvido falar disto! — murmurou o servo, cuja fronte estava banhada num suor frio.

Com efeito, aquela era a última palavra da justiça feudal. Era naquele poço armado de aguçados ferros que eram precipitados os infelizes, que por qualquer modo tinham incorrido no desagrado do senhor feudal.

Naquele momento, a pouca luz que entrava pela abertura exterior desapareceu. A sombra da noite descera sobre a terra, e as trevas mais profundas invadiam aquele lugar de desolação, onde aqueles infelizes andavam às apalpadelas pelas entranhas da terra, receando a cada instante serem engulidos por qualquer voragem.

Capitolo XIV

Demônio Contra Demônio

Quanto tempo durou aquêlê estado de prostração em que estavam sepultados os nossos heróis?

Talvez dois minutos; talvez uma hora. Eles é que não podiam dar conta de nada, imersos como estavam numa espécie de profundo abatimento, que anulava nêles tôda a limpidez de conhecimento.

Por outro lado isto em nada prejudicava aqueles valentes, que se debatiam nas entranhas da terra... A coragem compreende-se, e é mesmo necessária, quando se luta contra um perigo certo, quando se conhece bem o inimigo que se combate. Mas neste caso contra quem desembainhar a espada? e de que serviam o valor ou a prudencia naquela escuridão profunda em que até era impossivel ver de que lado vinha a morte?

Todavia aqueles homens não eram de tẽmpera ordinária, nem se deixavam facilmente esmagar por tamanho desastre. Um era um mancebo heróico, a quem o amor apaixonado que sentia por seu pai multiplicava a coragem; o outro era um servo por tal

maneira exaltado pelo ódio, que desafiava sem hesitar os mais atrozes e os abismos do inferno, só para se vingar.

Quanto ao conde de Poix, esse era uma espécie de mártir, que havia já muitos anos fizera o sacrifício da sua vida, e que, não esperando mais nada, nada temia. Si alguma coisa o magoava, era unicamente o pensar no risco que corriam os seus companheiros e na morte afrontosa que, segundo tôdas as probabilidades, lhes estava reservada. Quanto a si, o conde, vendo aproximar-se a hora do repouso, sorria-se.

De repente, Domingos, que velava mais atentamente que os outros, ergueu-se muito agitado.

— Escutem... — disse êle em voz muito baixa, como si receasse que algum inimigo estivesse a espioná-los — escutem... aqui perto ouve-se falar.

Estas palavras causaram um sobressalto nos outros companheiros. Não há nada mais contagioso do que a esperança.

Virginio de Poix tinha o ouvido extremamente apurado, como acontece aos presos, que por longos anos se costumaram a seguir com ouvido atento os mais ligeiros rumores, e que ouviram fender-se lentamente as paredes, e as gotas de água que escorrem pelos muros descenderem vagorosamente pela calça esverdinhada.

Virginio de Poix applicou o ouvido, e depois disse com segurança:

— Fala-se a dois passos de nós; distingo duas vozes...

— Então estamos perto de uma parede delgada bastante para deixar passar a voz — observou Domingos, no mesmo tom. — Vejamos se descobrimos.

— Quem sabe si será uma cilada! — murmurou o visconde.

Ouviu-se então um frouxo de riso naquela escuridão. Era o servo. Na verdade era coisa para fazer rir aquele receio de um perigo, no momento que toda mudança devia ser vantajosa!

Domingos deu dois passos na direção do lugar donde vinha o som, e esbarrou-se logo com um obstáculo.

— Cá está a parede! — murmurou ele — Portanto do outro lado está a salvação. E pensar a gente que talvez a parede seja tão grossa que se não possa deitar abaixo! Não temos senão os nossos punhais!

E com a ponta do punhal começou a picar furiosamente a parede.

Mas, com grande espanto seu, duma das vezes em que ia a desenterrar o punhal, sentiu que havia resistência. Apalpou com as mãos, e pouco faltou que ele não fizesse ressoar no subterrâneo um grande grito de alegria.

— É um tabique de madeira! — murmurou
ê — Ainda que êle fosse mais grosso do que uma
parede mestra, haviamos de conseguir furá-lo!...

— E si fosse um simples revestimento! — murmurou o filho do conde de Poix.

— É impossível Então a voz não se ouviria assim distintamente. Vamos a isto, mãos á obra!

Os três punhais enterraram-se na madeira; o trabalho era feito com a cautela necessária para que os três homens não corressem risco de se ferirem uns aos outros.

Mas de repente aquêlê trabalho tornou-se inútil. Um dêles tinha tocado com a ponta do punhal a mola oculta de um maquinismo ignorado.

Ouviu-se um ruído tenuíssimo, e depois uma parte do tapume de madeira deslizou sem ruído, sumindo-se pelo chão abaixo. Os fugativos fizeram um grandíssimo esforço para conterem um grito que ia escapar-se-lhe dos lábios.

A abertura, que dava para uma sala modestamente mobiliada, estava admiravelmente encoberta por uma estante cheia de livros.

Entre êstes tinham sido colocadas umas travessas de divisão, que na realidade eram verdadeiros tubos, por onde se podia ver perfeitamente tudo o que se passava na sala.

Quem poderia dizer para que fim misterioso e terrível tinha sido arranjado aquele esconderijo? Na verdade, as paredes daquele palácio dos Montmorency ocultavam estranhos mistérios, e a cada passo se encontravam ali coisas desconhecidas, que ninguém seria capaz de supor.

Os três fugitivos, esquecendo naquele momento o cansaço e a fome, puseram-se a olhar atentamente, porque o que presenciavam despertava-lhes o maior interesse.

A sala, como já dissemos, estava mobiliada com grande simplicidade. Havia em roda algumas estantes de livros, que provavelmente escondiam algum mistério, assim como a outra estante escondia os nossos heróis. Todas as comunicações daquela sala com o exterior consistiam em uma ampla janela e em uma porta, coberta por um reposteiro verde. Uma esteira muito simples, às riscas vermelhas e cor de castanha, forrava o chão e amortecia o ruído dos passos.

No meio da sala havia uma grande mesa de estudo, coberta de livros e de papéis, e sentado á mesa, numa poltrona muito larga e pesada, um padre de aspecto severo e resoluto.

— O reverendo padre Lefèvre!... — segredou Domingos ao ouvido do visconde de Poix.

Este estremeceu ao ouvir aquêl nome, porque sabia que o jesuíta era um inimigo encarniçado de seu pai, e conhecia os interesses que ligavam o jesuíta ao duque de Montmorency. Achando-se agora ali inesperadamente ao pé de tão terrível adversário, o mancebo experimentava a sensação, mais de estremecimento do que de medo, que assalta um homem, ainda que este seja corajoso, quando vê uma serpente.

Lefèvre não estava só.

De pé diante d'ele estava um rapaz de cerca de dezoito anos, com um ar embaraçado, os olhos baixos, o rosto mimoso purpureado, e parecendo responder a um interrogatório que o aborrecia e atormentava.

— Com que então, meu belo pagem, — disse o padre Lefèvre, erguendo a cabeça, que tinha um pouco inclinada para o chão — com que então, foste admitido no número dos pagens favoritos da Dama de Beleza dos nossos dias, da encantadora Diana d'Étampes?

Um sobressalto de terror sacudiu os membros do visconde, ao ouvir pronunciar aquêl nome, que era o de uma outra inimiga da casa d'ele.

Quanto ao rapaz, o encarnado das faces voltou-se-lhe em perfeito carmin.

— Reverendo Padre... — balbuciou êle.

— Vamos! — exclamou alegremente o jesuíta — deixemo-nos dessa inútil timidez! Por ventura sou eu um dominicano ou um capuchinho para me escandalizar com certas coisas? Eu também sou homem, e também fui rapaz como tu, meu caro Tancredo...

O mancebo ergueu involuntariamente os olhos para o rosto do jesuíta, espantado de que um homem daqueles pudesse orgulhar-se de ter sido rapaz em algum tempo.

— Sim, sim; fui rapaz e tive as minhas fraquezas... Ora, adeus! isso é natural; uma patroa nova, bela, amorosa... e além disso viúva, o que justifica as maiores esperanças!... Depois, a gente encontra-se num canto... e é um beijo... uma promessa...

— Senhor!... — exclamou Tancredo indignado, e esquecendo-se na sua confusão, de que falava a um padre.

— Ora, ora... eu bem sei, meu rapaz, que há certas coisas que se devem sepultar no mais profundo do coração. São os doces segredos do afeto, são os fantasmas que nos acariciam nas noites de insônia... Ah! ah! bem vês que eu também sei fazer belas frases, como si tivesse estudado êsses mestres italianos do amor, que são agora o manjar favorito da Côte.

— Mas eu... cumprio sempre com os meus deveres! — balbuciou o malaventurado rapaz, que já não sabia onde estava.

— Os teus deveres, sim; isso é justíssimo. Não debes faltar aos teus deveres de cristão e de católico, nem aos de fidalgo e de gentil cavaleiro que, principalmente para os nobres, também êsses são deveres. Ora vamos lá, Tancredo, o que te disse a tua amável patroa?

— Reverendo — disse o mancebo com firmeza — a minha ama não tem motivo para me fazer confidências... e si mas fizesse...

— Tu não te julgarias obrigado a confessá-lo a mim, não é verdade? — disse Lefèvre, com um sorriso que fazia medo. E isso apesar de eu ser o teu pai espiritual, e de ter o direito e a obrigação de exigir a tua confissão completa.

— A confissão não compreende os segredos dos outros — disse imprudentemente o pagem.

— Ah! então sempre os há!... sempre há segredos, visto que te recusas a revelá-los! Trata-se do príncipe Henrique, Delfim de França, não é verdade?

— Tancredo empalideceu. As palavras do jesuíta correspondiam tão exatamente á verdade, que êle chegou a convencer-se de que nada havia que aquêl sombrio padre não soubesse.

— Não é verdade?... — insistia curiosamente o padre — Então o que viste? o que te disse Diana? a maquinação em que estado está? vai bem?

— Padre! meu padre! — suplicou o infeliz Tancredo — não me atormenteis mais!

— Ah! entendo... tens medo... Mas eu não o tenho, ouviste? e quero... quero saber tudo.

O pagem calouse. Mas na contração nervosa dos lábios conhecia-se-lhe a resolução inflexível de resistir aquela prepotência.

Lefèvre compreendeu o que significava aquela atitude concentrada; mas êle não tinha vivido tantos anos, nem tinha chegado ao elevado gráu que ocupava na Companhia de Jesús, sem ter perfeito conhecimento do processo por que as vencem as naturezas mais rebeldes.

— Sois um doido, Tancredo, — disse o jesuíta com severidade — e além disso sois um mau coração. No vosso cérebro devem germinar bem tristes pensamentos, e são precisamente os que imaginais nos outros.

— Mas, reverendo padre...

— Não há reverendo, nem meio reverendo. Eu consenti colocar-vos ao pé de Diana d'Étampes, apesar de saber perfeitamente o que deveria acontecer entre um mancebo belo e gentil e uma mulher jovem e bela, e ambos em todo o fogo das paixões. Mas, procedendo assim, procurei dos males o menor, para maior glória de Deus. Com uma afeição séria e profunda por uma pessoa tão distinta por nascimento e sentimentos religiosos, eu defendia-vos, como ao meu aluno predileto, de outras seduções bem mais perigosas; atraindo sobre vós a ténção de Diana, minha penitente, eu tinha em vista dar outra direção ás paixões ardentes da viúva, e livrá-la da corrupção da Côte. Já vês, meu filho, que o meu procedimento, conquanto possa parecer censurável

— 19 —

na e Henrique de França devia ter versado sobre o terrível assunto que ele presumia. O delfim, de índole violenta, ambicionando o trono, e tendo já tido por vezes questões com o pai, questões em que as espadas tinham chegado a sair mais de metade da bainha, suportava com raiva o governo do rei Francisco, e na sua mente perturbada e feroz, nascera, espontaneamente ou por sugestões de estranhos, o horrendo plano de matar seu pai.

Mas para os jesuitas tal plano era de extrema importância. Si ele chegasse a realizar-se, ao rei Francisco, que era devoto só em certas ocasiões, capaz de um ímpeto cavalheiresco, não consentindo que outrem, e principalmente padres, governassem no seu reino, sucedera Henrique II, sobre o qual os jesuitas estavam seguríssimos de exercer o maior predomínio. E este predomínio tornar-se-ia absoluto, si eles pudessem assenhorear-se também de Diana, a favorita.

Conhecer a conspiração que Henrique e Diana se preparavam para tramar contra Francisco, deixaria desenvolver-se e executar-se, e exercer sobre Diana o poder enorme de quem esta de posse do segredo, ou antes do crime de alguém, tal era o plano infernal que Lefèvre concebera, que os acontecimentos até então tinham auxiliado, e que a obstinação de Tancredo ameaçava inutilizar e destruir.

— Ah, tu não queres falar! — disse o jesuita, erguendo-se ameaçador e terrível. — Pois bem, eu te obrigarei a falar.

E, antes que o pagem pudesse opor a mais pequena resistência, antes que ele suspeitasse sequer o que ia acontecer, o jesuita tinha-o arremessado ao chão, pusera-lhe um joelho sobre o peito, e brandia-lhe junto dos olhos um punhal!

— Falarás agora? — repetia o jesuita; as palavras sibilavam ao passarem-lhe por entre os dentes cerrados. — Falarás, ou queres experimentar a ponta deste punhal!

— É tempo de intervir — disse em voz baixa o conde de Poix, que já não podia conter-se.

Mas Domingos deteve-o com um gesto.

O pagem, sentindo-se sob aquela pressão do jesuita, não deu um grito, nem baixou o olhar.

— Podeis matar-me, rouquejou ele, porque o joelho do padre lhe tolhia a respiração — mas não falarei.

Lafèvre então soltou uma gargalhada terrível.

— Matar-te eu! Estás doido, meu filho! a tua vida para mim é mais preciosa do que propriamente a minha... eu só quero diminuir um pouco as qualidades de sedução que tu tens, já que não queres dedicá-las ao triunfo da nossa causa... Vou arrancar-te os olhos.

Um grito sufocado respondeu àquelas palavras. Tancredo leu nos olhos do jesuita que ele realizaria a ameaça; além disso, sabia que nos subterrâneos de muitos conventos gemiam infelizes, que tinham sido atrozmente punidos com aquêle terrível castigo, por vinganças idênticas. O coração do pobre rapaz despedaçava-se.

— Perdão... meu padre... matai-me... eu não oporei resistência...

— Já te disse, amiguinho: ou falas, ou te arranco os olhos. Sabes como eu sou e deves conhecer-me.

Era impossível a alguém enganar-se sobre o sentido e verdade daquelas palavras. Todavia o heróico Tancredo não disse uma palavra.

— Então, é necessário... — disse o jesuita, com um tom de voz terrível. — Pois bem, cumpre-se o teu destino. Tens ainda um minuto para pensar!

E ergueu o punhal.

— Uma!... duas... tr...

Não pôde concluir. Ouviu-se um fragor enorme de móveis derrubados e partidos. Lefèvre voltouse, cheio de terror, e nesse momento foi agarrado pelo pescoço, e desarmado num relâmpago por uma espécie de demônio todo coberto de pó, e que parecia ter surgido do chão.

Num segundo o jesuita estava desarmado, amordaçado e amarrado. O conde e o visconde de Poix tratavam de Tancredo que, em meio de tantas e tão terríveis comoções, tinha desmaiado; entre tanto, Domingos chegara-se ao jesuita, que estava estendido no chão, e mimoseava-o com frequentes pontapés pelas costelas, dados com tanta consciência e eficácia, que arrancavam ao jesuita gemidos dolorosos, apesar da mordada.

— Oh! meus senhores — disse Tancredo, voltando a si — Salvastes-me mais do que a vida — O meu reconhecimento...

— Silêncio, mancebo... — respondeu o conde de Poix. — Conduze-me à porta do palácio e ternos-ás dado um prêmio mais que suficiente.

— Do palácio!... do convento, quereis dizer. Estais no convento dos jesuitas, e não sei como poderemos sair; o guardião está alerta...

— Eu encarrego-me de tudo; — observou Domingos — mas em primeiro lugar, vamos a decidir o que se há-de fazer deste desagradável personagem. Eu, por mim, propunha que o atirássemos ao poço dos punhais.

O jesuita, apesar da sua coragem, — que era real e grande — sentiu um suor frio à raiz dos cabelos, e esperou ansiosamente a resposta àquele alvitre.

— Não faleis assim, meu amigo — disse com brandura o senhor de Poix. — Matemos aquêles que tentarem prender-nos, porque tal é a triste necessidade da nossa fuga, mas não cometamos crimes inúteis, porque a proteção do céu, que até agora tem sido tão evidente, abandonar-nos-ia.

Entretanto, o visconde de Poix tinha descoberto um armário, que tinha uma espécie de postigo á altura de um homem.

— O que é isto? — perguntou ele a Tancredo.

— É o armário de penitência. Quando algum noviço comete algum pecado, metem-no aqui dentro, deixando-lhe aberto o postigo para poder respirar.

— Belíssima idéia! — exclamou sarcasticamente Domingos — Idéia de homens de coração e de engenhos, como são estes bons padres!

— Aqui está o lugar para o reverendo — disse o visconde, que nunca se ria, nem riu tão pouco daquela idéia burlesca — Ali dentro estará como um príncipe, e terá tempo para meditar na salvação da sua alma e da nossa...

— É no perigo que há em querer tirar os olhos aos rapazes que não querem fazer de espíões...

O armário estava fechado, mas Domingos procurou tão bem no ciuto do reverendo, que entre outras muitas chaves achou precisamente a que abria aquela prisão.

Lefèvre, apesar da sua resistência, foi metido no armário, e este fechado. O espaço dentro daquele carcere de novo gênero era tão pequeno, que o jesuita foi obrigado a ficar de pé e com a cara ao postigo.

Aquêle focinho de padre, com a mordada na boca e com os olhos a relarem-lhe medonhos nas órbitas, era tão grotesco, que Tancredo, com a leviandade própria da sua idade, não pôde deixar de dar uma grande gargalhada.

— É agora vamo-nos daqui — disse Domingos. — Passai bem, meu reverendo padre, e sobretudo tende cuidado que não sutoqueis, porque vamos fe-



Getúlio oferece a mão ao Cardial, colocando na segunda Vice-Presidência da Câmara dos Deputados, o Clericalismo, na pessoa do criminoso Adroaldo Mesquita da Costa, que representou o papel de tirano, no Governo Dutra, na pasta da Justiça.

A Bíblia é um repositório científico, que abrange estudos sobre a Humanidade, o Mundo cósmico e a Divindade.

O *Genesis*, único livro escrito por Moisés, está calcado na matemática dórica e na aritmologia qualificativa dos templos râmicos. O *Genesis* foi escrito com caracteres inventados por Moisés inspirados no Aramaico, língua falada pelos egípcios e coptos, e não no hebraico, língua que só veio a ser falada vários séculos depois, quando foi achado o Livro da Thora. Assim procedeu o Vaticano para fazer crer ao povo que Moisés havia escrito a Bíblia, por inspiração divina.

Os abades Fleuri e François, nos seus tratados, respectivamente, "Dos Costumes Israelitas" e "Provas da Religião Cristã" assimilam essa heresia histórica, procedendo do mesmo modo Calmet.

Essa heresia é confessada, pelo Vaticano, quando diz que o Pentateuco, até meados do século 17, era conhecido, entre os eruditos, pelos escritos de Origenes, Eusébio de Cesaréa, S. Jerônimo, S. Cirilo de Alexandria e outros padres antigos, e ninguém o viu nem folheou na Europa senão no reinado de Luiz XIII, em que do Oriente foram trazidos à França alguns exemplares. Um deles foi dado à Congregação do Oratório de Paris, sendo então impresso o Pentateuco samaritano, em 1631, pelo padre João Morino.

Como é desonesta a Igreja Romana!!!
Provada essa desonestidade, é fácil tirar as consequências, sendo uma delas a mentira dos dez mandamentos dados, por Deus, a Moisés e gravados em pedras, escritos pelo próprio Deus!!!

Milhares de anos antes êsses mandamentos existiam!!!

Senão vejamos:

Dizem os Vedas: É proibido:
sobre o corpo:

- I — Bater
- II — Matar seu semelhante
- III — Roubar
- IV — Violar mulheres.

sobre a palavra:

- V — Ser falso
- VI — Mentir
- VII — Injuriar

sobre a vontade:

- VIII — Desejar o mal
- IX — Cobiçar o bem alheio
- X — Não ter dó dos outros.

Manda Moisés:

- I — Pai e Mãe honrarás
- II — Não matarás
- III — Não furtarás
- IV — Não adulterarás.
- V — Não darás falso testemunho.
- VI — Não mentirás
- VII — Um só Deus adorarás.
- VIII — Não caluniarás
- IX — Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem seus bens.
- X — Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Do confronto dos livros sagrados da Índia e da Bíblia, podem todos verificar que Moisés não fez outra coisa senão plagiar.

Por isso Cristo disse que não tinha vindo fazer inovações, porque o próprio "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS" já era conhecido dos Vedas, e Cristo, como grande filósofo, não fez outra coisa senão explicar essa doutrina, nas suas admiráveis parábolas.

E êsse "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS" é, justamente, o que o Vaticano vem massacrando, há séculos, e no momento presente, pregando o ódio a todos aqueles que se distanciam do seu sistema econômico latifundiário. Coloca-se o Vaticano ao lado do capitalismo americano, dando expansão à indústria bélica, para que, no campo de batalha, a Humanidade se destrua, frente a frente, os dois mundos: Ocidental e Oriental, ficando, no momento, por conveniência, com o Ocidente, porque, amanhã, si o Oriente vencer, êle, temporariamente, ficará com o Oriente, apunhalando-o, depois, pelas costas.

Com o Governo Dutra, o Brasil começou a sua marcha ré ao fascismo. Essa marcha está sendo acelerada pelo atual Governo Vargas, que, combatido, pelo Vaticano, já está de mãos dadas com êle.

Getúlio colocou o clericalismo na segunda Vice-Presidência da Câmara dos Deputados, com o Sr. Adroaldo Mesquita da Costa, o grande perseguidor de todas as Liberdades Constitucionais e o opressor

corporais, clandestinamente restabelecidos, em nossos educandários contemporâneos.

Façamos, do brasileiro, um homem forte, sadio, confiante, em si próprio, educado, instruído e culto, mas, isto, sem pôr a ferros a Consciência e o Pensamento, sem crucificar o Livre Arbítrio e a Razão Livre, sem algemar a Liberdade, prerrogativas invioláveis do Ser Pensante, direitos sacratíssimos do Homem.

Assim, compreenderemos, sem esforço, as palavras de Span, e o Brasil, o nosso Brasil, nos amplos limites das suas próprias fronteiras, permitirá, aos brasileiros, o espaço vital, indispensável à expansão da sua política, e deixará de ser, enfim, "um deserto de homens".

Assim, seremos, realmente, brasileiros, porque, seremos dignos do Brasil que, por sua vez, deixará de ser essa desventurada "terra de ninguém" que passou de colônia de Portugal à colônia de todas as nações que se dizem Grandes Potências e se associam na partilha do Mundo.

Assim, em suma, poderemos provar, com a graça de Deus, que o Brasil é nosso, o nosso grande Brasil, grande, não só pela sua extensão territorial, como pela poderosa capacidade de realização moral e material dos brasileiros.

O Brasil não é um deserto de homens, porque os brasileiros são os homens do Brasil, poderemos proclamar, então, na defesa cívica e patriótica do significativo lema que Benjamin Constant escreveu no símbolo da nossa Pátria: Ordem e Progresso. Paz e Trabalho. Patriotismo e Liberdade.

A ignorância e a miséria aniquilam o Brasil e os brasileiros, porque, o Brasil não é, apenas, a "zona chic das capitais", e os brasileiros não são, exclusivamente, os que "não precisam trabalhar para ganhar muito dinheiro".

O Brasil é essa enorme extensão territorial que o prestígio político e os sentimentos patrióticos do Barão do Rio Branco, sem derramar uma gota de sangue, legitimaram, no continente americano, e os brasileiros são, também, essa infeliz população que trabalha, definha e morre de fome, em pleno abandono, de Norte a Sul, do litoral ao interior, no "país mais rico do Mundo".

Como resolver problema econômico, brasileiro, sem sanear o interior do Brasil, onde a malária dizima a respectiva população "ignorante e miserável"?

Como resolver o problema econômico, brasileiro, sem auxiliar, custear, financiar as classes produtoras dessa imensa região, essencialmente agrícola, pastoril, comercial e industrial, do país?

Por que, ainda, não foi instituído o celeberrimo Banco Rural, de que tanto se tem falado e escrito, desde a Monarquia?

Não basta cogitar do magno assunto, em torno de "mesas redondas ou quadradas", através das ondas hertzianas.

Não basta cogitar do magno assunto, em torno de mesas redondas ou quadradas, em que falam convivas que "não fazem nada, absolutamente, do que dizem".

Não basta votar e sancionar verbas vultosas, impugnadas pelo Tribunal de Contas, para custeio de obras, serviços, hospitais e instituições inexistentes.

Não basta, outro sim, lançar de aviões, "pitadas de pó incetidas, sobre os imensos focos de larvas dos terríveis transmissores da tremenda moléstia endêmica, há tantos séculos, no Brasil". Extinguir os *gravatás*. Fazer relatórios.

Sem a prova jurídica, decorrente de rigorosa sindicância, procedida *in-loco*, o Governo não conseguirá apagar, na mente nacional, a certamente injusta, porém, notória acusação de que, além desse criminoso abandono, a maioria das autoridades incumbidas da fiscalização e defesa das nossas extensas e longínquas fronteiras, "associadas aos santos missionários que evangelizam o bem, nessas ingratas regiões", outra coisa não fazem, senão "enriquecer à custa de antigo e contínuo contra-bando, uma das sangrias mais perniciosas ao equilíbrio econômico do país, como já denunciavam os jornais mais austeros do Império".

O Brasil é uma Nação feliz, mas, a Nação, por mais feliz, sem o homem sadio, forte, nutrido, educado, instruído e culto, não passa, realmente, de um "deserto de homens". O "irracional" fanático ou subornado não é homem. É um autômato.

Cerremos nossos ouvidos aos "dogmas e axiomas" da xenocracia que nos atemoriza e subjuga, nos prende, em seus tentáculos, e nos exaure, com as suas ventosas de pólvora sanguissedento. O homem raciocina e tem vontade própria.

Democracia não é Nihilismo, a destruição da Humanidade e, quicá, do Mundo, a que a *bomba atômica* ou a guerra biológica promete ou ameaça arrastar as Nações mais poderosas do presente.

A Rússia foi nihilista, antes de ser comunista, no combate, na reação popular, contra o Czarismo. Se o Comunismo deve ser combatido, com maior razão, o Nihilismo, moral e materialmente, muito mais nocivo, funesto e pernicioso.

Democracia não quer dizer firmar pactos internacionais, afim de impôr o domínio do dollar ou destruir o Mundo pela *bomba atômica*. Isto é Nihilismo ou coisa pior. Foi o que se fez, no Japão, far-se-á, na Coreia e onde possa existir minérios, petróleo, riquezas naturais, a serem exploradas. Assim, procedeu o Santo Ofício, na Idade Média: Submissão ou fogueira!... Crê ou morre!...

Por isto, o Bispo de Roma já declarou que não ha católicos nem protestantes, e sim, cristãos. O Vaticano aliciu-se à Casa Branca ou vice-versa.

Por isto, ainda, o reverendo *ianque* Eddie Clayton escreveu uma carta ao Prefeito Thomas Dewey, cobrando a importância de 7.000 *dollares*, por ter feito preces a Deus, para que chovia, durante uma semana (1.000 *dollares*, por dia) na cidade maravilhosa de Nova York.

Por que dar dinheiro, a quem pede chuva?

Em sete dias Deus fez o Mundo, gratuitamente.

Não é só o Brasil que é um deserto de homens. Dinheiro não quer dizer homem. Ninguém pode ser considerado homem, pelo fato de possuir muito dinheiro. Muitos *dollares*. Na própria Norte-América, existem animais que *herdaram* valiosas somas de seus riquíssimos proprietários.

Não aviltemos tanto o pobre *bipede implume*, da nova classificação zoológica.

Deserto de homens são todos os países ou todas as nações, cujos povos, após, o *trauma psíquico* da Guerra Mundial, entraram nessa incontestável *decadência mental* que os caracteriza, em nossos dias.

Basta salientar o critério que os ilumina e conduz, no momento: destruir a Humanidade e, quicá, o Mundo, por meio da *bomba atômica* ou de outro engenho mais poderoso, afim de estabelecer a PAZ UNIVERSAL.

Desta maneira, o Mundo, o próprio Planeta, será um deserto de homens.

Rio, 1951.

plô, resolveu apoiar-se sobre a força bruta e sobre as prédicas, isto é, empregar alternativamente soldados e jesuitas, uns para conquistar, outros para submeter e para corromper.

De um caráter desconfiado e feroz, Urbano pensou primeiramente em se pôr a coberto de toda e qualquer tentativa quer dos inimigos internos, quer dos externos; fez construir no território holandês, do lado que oferecia um acesso fácil até Roma, uma fortaleza que se chamou o forte Urbano; cercou de uma nova muralha o castelo de Sant'Angelo, que estava já defendido por duas, e forneceu-o em tanta abundância de munições de guerra, que poderia levantar um muro de circunvalação à roda dos seus jardins de Monte Cavallo; em seguida estabeleceu uma manufatura de armas, em Tivoli, dispôs dos terrenos da biblioteca do Vaticano para a construção de um arsenal; finalmente, transformou em uma cidade de guerra a cidade apostólica, que devia ser o santuário pacífico da moral de Cristo.

Sua Santidade tinha a peito deixar monumentos gigantescos da sua passagem no trono Apostólico, e fazer dizer à posteridade que, si os papas seus predecessores tinham construído palácios de granito e de mármore, elle fizera sair do solo monumentos de bronze e de ferro.

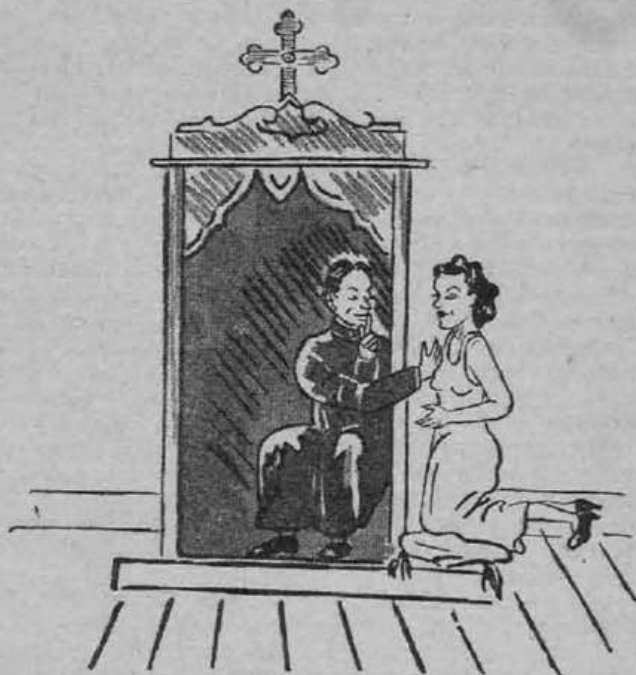
Raras vezes Urbano VIII se dava ao trabalho de reunir o consistório e, quando lhe acontecia reunir o sacro colégio, como não queria escutar nem conselhos nem observações, os cardiais não tinham outro partido a tomar senão aplaudir as suas palavras e executar as suas ordens e decisões. Mesmo com os embaixadores dos reis, impunha o seu privilégio de infalibilidade para decidir os negócios mais sérios. Nenhum pontífice antes dele, nem Gregório VII, nem Bonifácio VIII, possuíra em grau tão elevado o sentimento da sua importância individual; por uma questão muito grave, tendo-lhe apresentado os mandatários de uma potência estrangeira uma objecção tirada das antigas constituições pontificias, replicou imperiosamente que a sua decisão tinha mais peso do que os regulamentos de duzentos papas mortos.

A força atlética de que era dotado não contribua pouco para aumentar a alta opinião que tinha de si mesmo. Urbano queria que o adorassem, como chefe espiritual da Igreja e como rei da terra; e, no seu orgulho, cousou revogar uma lei que prohibia ao povo romano levantar jamais uma estatua a um papa vivo, pretendendo que não era possível prever que a cadeira de S. Pedro seria occupada um dia por um pontífice como elle.

Certamente que um padre dêste caráter, pertinaz, absoluto, implacável, não recuando diante de coisa alguma para conseguir os seus fins, teria feito mais do que nenhum dos seus predecessores para desgraça da Humanidade, e teria curvado a Europa inteira sob o jugo da teocracia romana, si não tivesse encontrado no seu caminho um outro padre não menos pertinaz, não menos absoluto, não menos implacável do que elle, vencendo S. Santidade em astúcia e subtilidade, Richelieu, cardinal, ministro ou antes soberano de França no reinado do imbecil Luiz XIII, e tendo por consequência de sustentar interesses diametralmente opostos aos da corte de Roma.

E, com effeito, enquanto que Urbano trabalhava por aumentar a prepoderância da casa d'Austria sobre a Europa, por aniquilar a reforma e fazer triunfar o catholicismo, Richelieu procurava opôr um dique ás invasões de Fernando II, contratava alianças offensivas e defensivas com os protestantes da Alemanha, e negociava habilmente junto de Jacques I e de Buckingham, seu ministro, para fazer frustrar o casamento do príncipe de Galles, que estava sempre em Espanha, junto da infanta que se tornara sua amân-

O CONFISSIONARIO



Aí está a perdição da mulher. Aí a arma política. Aí o desrespeito a todas as liberdades humanas. Aí a pouca vergonha do clero romano.

te, e que parecia esperar tão somente as dispensas de Roma para celebrar as bodas. Urbano VIII cometeu a falta de não expedir as bulas de dispensa da jovem princesa, apesar do seu predecessor ter enviado as do noivo, a fim de obrigar o filho do rei de Inglaterra a converter-se. Esta demora permitiu a Richelieu intrigar na corte de Londres; e um dia, S. Santidade soube com grande surpresa que o rei Jacques acabava de chamar o filho para junto de si, e que enviara a França uma embaixada solene para pedir a mão da princesa Henriqueta Maria, terceira irmã de Luiz XIII, para o príncipe de Galles.

Urbano dirigiu logo representações á corte de França, a fim de impedir essa união; ofereceu em compensação casar a princesa com o infante D. Carlos, e dar-lhes em apanágio a soberania dos Países Baixos católicos; dirigiu mesmo sobre o assunto dois breves ao cardinal, e vendo que nada podia fazer mudar as resoluções do ministro, declarou que recusaria as dispensas necessárias para o casamento. Richelieu respondeu laconicamente que passariam sem elas. S. Santidade voltou-se então para o lado da Inglaterra, e procurou, com as suas promessas desviar o rei Jacques desses projetos; mas como a aliança de seu filho com a irmã de Luiz XIII procurava ao rei da Grã-Bretanha vantagens sérias, a perspectiva de extinguir as agitações religiosas nos seus estados e a esperança de fazer recuperar o Palatinado a seu genro o duque Frederico, que fôra desapossado d'elle por Gregório XV, regeitou todas as propostas da corte de Roma, e fez publicar o casamento do jovem príncipe e de Henriqueta Maria de França. Uma tal determinação equivalia a uma declaração de guerra.

Richelieu há muito prevera o caso de um rompimento, e soubera preparar poderosos auxiliares, a fim de descarregar um grande golpe na Austria e na Espanha atacando-as simultaneamente sobre todas as fronteiras. Era o primeiro exemplo dessas alianças de muitos estados prestando-se um auxilio mútuo para esmagarem um inimigo temível; os papeis estavam distribuídos do seguinte modo: Veneza, a Sa-

nem o massacre dos seus subditos por uma soldadesca desenfreada, nem as violências exercidas sobre as mulheres, nem o incêndio devorando com as suas chamas todos os edifícios por entre os gritos dos vencedores, dos rugidos dos feridos e dos gemidos das suas vítimas!

A queda da Rochelle foi um golpe terrível para o calvinismo; contudo alguns bandos de reformados apareceram ainda em armas nas províncias do Meio dia; a pequena cidade de Privas Vivarais, ousou mesmo sustentar um cerco contra o exército real, que Luiz XIII comandava em pessoa. Foi tomada de assalto, e por ordem de S. Majestade os soldados católicos cometeram atrocidades que igualaram as que tinham sido exercidas em Merindol sobre os infelizes Vaudezes. A cidade d'Alais tentou igualmente defender-se, mas em breve foi obrigada a capitular. Então o duque de Rohan convocou em Auduze uma assembléa geral dos partidos reformados, e fez decretar pelos religionários que se enviasse ao rei uma embaixada para tratar da paz.

Luiz XIII concedeu aos calvinistas um edito de pacificação dos antigos privilégios, isto é, permitiu aos huguenotes professassem a religião reformada, mas sem poderem convocar assembléas políticas, e sem terem o direito de nomearem chefes, nem formarem um tesouro comum. Este triunfo do catolicismo em França não satisfiz extraordinariamente Urbano VIII, que promovendo uma guerra contra os protestantes não tivera outro fim senão preparar a ruína da Grã-Bretanha; por isso o nuncio Spada e os jesuitas confessores dos reis e dos ministros de França e de Espanha, receberam ordem de S. Santidade para estimularem o duque d'Olivarez e o cardinal-ministro a combinarem um plano de ataque contra a Inglaterra.

Para a corte de Roma, essa guerra de invasão era tanto mais favorável, que de todos os modos devia trazer em resultado a submissão da sua obediência para evitar as hostilidades, que se resolvesse a encetar uma guerra cujo resultado não era duvidoso, por isso que S. Majestade se achava a braços com o ódio dos católicos e dos protestantes dos seus estados, em consequência do seu despotismo.

Carlos I compreendia perfeitamente a dificuldade de sua posição; não ousando expor-se ás probabilidades de uma luta contra a França e a Espanha, procurou em primeiro lugar contemporizar, para colocar o papa nos seus interesses, pareceu inclinar-se em favor das doutrinas ultra-montanas, sem contudo aderir a elas de um modo formal; em seguida obrigou-se secretamente a trabalhar na conversão dos seus povos, sob a condição de que S. Santidade faria dissolver a liga.

Urbano VIII, satisfeito por ter atingido o fim que se propunha, isto é, a submissão do rei de Inglaterra, não quis levar as coisas de chofre, e contentou-se com as promessas formais que Carlos I fazia de se converter. Além disso, entrava nas vistas do pontífice por termo ás guerras, para não fornecer aos reis de França e de Espanha, assim como ao imperador de Alemanha, a ocasião de aumentarem a sua influência sobre a Europa, e de aniquilarem de algum modo a autoridade da S. Sé. E com efeito, os sucessos das armas de Fernando II não deixavam de inquietar seriamente a corte de Roma para o futuro; Urbano VIII viu com desprazer estender-se desmedidamente a casa d'Austria, e temia que o imperador, senhor do Norte, caísse sobre o Meio dia, e não tivesse a fantasia de fazer reviver pretensões de soberania sobre os estados da Igreja.

Estes receios eram tanto mais fundados que depois da queda do rei da Dinamarca, Cristiano IV, que expulso de cidade em cidade pelos generais Wallenstein e Tilly, se achava encerrado na sua última praça fortificada, a cidade de Gluckstadt, coisa al-

guma podia impedir Fernando de juntar os estados de Dinamarca ao seu império, e de se achar por esse fato o monarca mais poderoso da Europa. S. Santidade teve, pois, o cuidado de fazer intervir na questão o jesuita confessor do príncipe, e fez conceder a Cristierno IV uma paz muito mais vantajosa do que elle podia esperar, porque lhe conservou a integridade de seus estados. A razão desta singular solidude da corte de Roma pelos protestantes, procedia de que não tinha nada mais a temer de homens reduzidos ás últimas extremidades, e porque pensava, pelo contrário, em diminuir a preponderância do império de Alemanha.

Urbano VIII tinha os mesmos motivos de desconfiar da Espanha, que começava a pesar sobre os estados da Itália, e ameaçava dominá-los um dia com o apoio do imperador; mas não ousando romper com Filipe IV, continuava permanecendo seu aliado, pronto a voltar-se contra elle na primeira ocasião, a qual se não fez esperar; um acontecimento imprevisito veio pôr em presença uns dos outros todos os interesses políticos. D. Vincenzo, duque de Mantua, estava no leito de morte e não deixava herdeiro algum direito. O duque de Nevers, seu mais próximo parente, que era Frances, abandonando todos seus direitos em favor de seu filho Carlos, duque de Rethel, achou-se este mui naturalmente herdeiro do Mantua e do Monferrat. Como era de presumir que a Espanha não permitiria que um príncipe frances se estabelecesse na Itália superior, si lhe dessem tempo para se opôr á sua instalação, Urbano VIII fez escrever por Strizzio, ministro de Vincenzo ao duque de Rethel, que se dirigisse secretamente a Mantua para fazer reconhecer os seus direitos pelo velho duque, o que teve lugar sem dificuldade alguma por parte do moribundo.

Existia ainda uma princesa da familia ducal, uma neta de Filipe II, que era religiosa. S. Santidade previra que a Espanha procuraria produzir pretensões em favor dessa senhora, e para tirar a Filipe IV o mais pequeno pretexto de guerra, enviara uma dispensa de casamento, demodo que no mesmo dia a religiosa saiu do convento e foi unida ao duque Francisco. Poucas horas depois, o velho Vincenzo exalou o último suspiro, e Carlos de Rethel foi saudado príncipe de Mantua.

Esta noticia causou grande sensação em Madrid. O duque d'Olivarez, furioso por se ver iludido por um mancebo, deu livre curso á sua cólera, e annunciou que faria arrepender o novo príncipe da sua temeridade. Para realizar as suas ameaças, suscitou-lhe dois inimigos poderosos, os duques de Guastalla e de Saboia, que elevaram pretensões, um ao ducado de Mantua, outro ao Monferrat, considerado como a chave do Milanês. Em seguida, enviou ordem a D. Gonzalez de Cordova, governador de Milão por Filipe IV, para pegar imediatamente em armas e reunir as suas tropas ás dos duques de Guastalla e de Saboia.

Urbano VIII, autor de todo este enredo, expediu logo correios á corte de Luiz XIII para o instruir do que se passava, e convidá-lo para ir em auxilio do duque de Mantua. S. Santidade oferecia, além disso, ao rei de França, pôr-se á frente de uma liga contra a Espanha para lhe tirar o Milanês, a Sicília e o reino de Nápoles. Esta proposta lisonjeava agradavelmente a ambição de Luiz para que elle deixasse de aceitar. S. Majestade reuniu imediatamente um exército apesar de estar em pleno inverno, mandou-o atacar os desfiladeiros dos Alpes, que estavam guardados pelas tropas do duque de Saboia. Em menos de três semanas, os desfiladeiros foram tomados, a cidade de Suze levada de assalto, e Victor Amadeu obrigado a pedir a paz. O rei de França fez então preparar um tratado que estabele-

Estas duas últimas pntências apressaram-se em ratificá-lo; mas o pontífice que conseguira o que queria, colocando a braços uma contra outra as duas monarquias mais temidas da cristandade, pensando que se destruiriam uma á outra, não quis aderir a nenhum tratado. Pretextou mesmo que o conselho dos cardiaes se opunha a que elle tomasse parte activa na luta antes de conhecer a determinação do imperador; desculpa detestável, porque o S. Padre não somente fazia pouco caso das observações do sacro colégio, que nem sequer admitia a deliberação, como também, relativamente a Fernando II, não hesitava em mostrar quanto lhe era odioso, e dizia abertamente que bastava que uma reclamação, embora a mais legitima, partisse da côrte de Viena para ser regeitada. Assim, pois, tendo Fernando pedido ao papa para que S. Estevão e S. Wenceslau, dois antigos reis da Hungria, fossem admitidos no calendário romano, S. Santidade respondera ironicamente que não eram dignos de uma tal honra. Em outra ocasião, tendo o imperador solicitado a autorização de conferir os empregos eclesiásticos livres pelo edito de restituição, o papa repeliu o seu pedido como indo de encontro á concordata feita entre o império e a S. Sé; o que era falso, pois que o rei de França, em virtude mesmo da concordata de Francisco I, exercia justamente nos estados o direito reclamado por Fernando. Finalmente, tendo este solicitado de Roma a permissão de transformar em colégios para os jesuitas os conventos adquiridos pelo edito de restituição, S. Santidade, em vez de aceder a este desejo, ordenara-lhe que entregasse immediatamente esses mosteiros aos bispos.

Contudo, o que Urbano VIII não pudera prever, era que Fernando II, êsse príncipe tão dedicado à corte de Roma, sacudiria o jugo dos padres e levaria a audácia ao ponto de querer lutar com o papa e reivindicar a soberania da alta Itália. Foi, porém, o que aconteceu; o imperador, vitorioso na Itália, na Polónia e nos Países-Baixos, começou a ser orgulhoso, e fez significar-se a S. Santidade que queria receber a corôa das suas mãos, e que se dirigisse a Bolonha ou a Ferrara para a cerimônia. Urbano VIII não ousou recusar e procurou tão somente ganhar tempo; a corte de Viena penetrou as suas intenções, insistiu porque êle se explicasse e reclamou além disso a segurança dos ducados de Urbino e de Montefalco.

das novas pretensões do imperador sobre os domínios da Igreja, o feroz Wallenstein, um dos generais de Fernando, ousou pôr em deliberação si se iria atacar Urbano VIII mesmo em Roma, dando a entender que essa cidade não fôra pilhada havia quasi um século; que depois dessa época os papas tinham-na enriquecido com os despojos dos outros papas, amontoados nos subterraneos do Vaticano sommas enormes, e que se não devia desprezar uma tão bela ocasião de lançar mão de tesouros imensos, de levantar o império de Carlos-Magno, e de o tornar hereditário na casa d'Austria.

—:—: LUTA! —:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—:—: — 31 — —:—:

rância não despertasse as suscetibilidades dos reformados.

Finalmente, houve em Leipzig uma assembléa geral de príncipes e de eleitores protestantes, e todos de comum acordo decidiram que se fizesse a guerra a Fernando. Esta liga, apesar de formidável, não teria bastado talvez para derrubar a poderosa casa d'Austria que estava no maior grau de prosperidade, se os confederados não tivessem sido auxiliados na sua empresa pelos povos que tinham pressa de sacudir o jugo insuportável do barão de Wallenstein, o favorito do príncipe, um dos seus maiores generais, é verdade, mas também, o mais cruel, o mais despota, o mais infame dos seus ministros.

Gustavo-Adolfo abriu a campanha e dirigiu-se para o baixo Oder, repelindo diante de si as tropas alemãs e aumentando o seu exército com um grande número de desertentes. Chegado aos muros de Leipzig, encontrou o conde de Tilly, derrotou o seu corpo de exército, e avançou rapidamente até Mayence, que tomou de assalto.

Todos os príncipes oprimidos vieram alistar-se nas bandeiras do rei da Suécia, e o partido da reforma, pouco tempo antes esmagado e vencido, achou-se em estado de ditar as leis aos seus opressores; os ministros protestantes voltaram logo ao Palatinado e percorreram as províncias do império em seguimento do exército de Gustavo-Adolfo, para reanimar o entusiasmo religioso.

S. Santidade não ocultou a alegria que lhe causava o triunfo do rei da Suécia e a humilhação da casa d'Austria, e que provocou da parte do embaixador de Fernando representações enérgicas. O imperador, instruído desta circunstância, escreveu a Urbano para lhe testemunhar o seu descontentamento e adverti-lo de que, logo que tivesse expulsado da Alemanha Gustavo-Adolfo e os seus trinta mil heréticos, iria ajustar contas com a S. Sé. O S. Padre respondeu-lhe apenas com a seguinte frase: "Alexandre fez a conquista do mundo com trinta mil Gregos."

Urbano mostrou menos considerações ainda com os cardiais espanhóis que, por instigação do duque d'Olivarez, tentaram fazer-lhe observações acerca da sua aliança com um soberano protestante; e tendo o cardinal Borgia ousado, em pleno consistório, representar-lhe o escândalo do seu procedimento, e acusá-lo de trabalhar para a ruína da religião, o papa levantou-se da sua cadeira, vomitou uma torrente de injúrias e de blasfêmias contra o prelado assás ousado para traçar uma regra de proceder ao Vigário de Deus, e como Borgia queria replicar, a um sinal do pontífice, o cardinal Barberini, que era dotado de uma força atlética, lançou-se sobre o cardinal, deitou-o pelos cabelos para fora da sala do consistório.

Depois desta cena de violência, todos os membros da assembléa se separaram em tumulto, anunciando os espanhóis altamente que iam provocar a reunião de um concílio para julgar o papa e proceder á sua condenação. Os próprios jesuitas, que viam o seu poder aniquilado na Alemanha pelo fato da invasão de Gustavo-Adolfo, mostraram-se hostis a Urbano VIII, e o confessor do duque d'Olivarez, um dos principais dignitários da ordem, publicou um livro sobre as atribuições do chefe supremo da Igreja, e provou com raciocínios muito lógicos que os papas não tinham poder algum canônico para além do seu bispado de Latran, e que não eram mais elevados em dignidade do que os outros bispos. A corte de Madrid achou os argumentos dos jesuitas por tal modo em relação com o seu próprio sentimento, que no conselho do rei católico foi discutido si se tiraria ao pontífice a colação dos benefícios de Espanha, e si se erigiria uma datária para rece-

ber o dinheiro sobre os eclesiásticos do reino pela Igreja Romana.

Por outro lado, os acontecimentos tomavam na Alemanha uma direção bem diferente daquela que o papa previra; S. Santidade, aliando-se aos heréticos, contara concorrer para o enfraquecimento da casa d'Austria, mas não para a sua ruína, o que arrastava necessariamente a do catolicismo. Ora o rei da Suécia parecia ter tomado muito a sério a missão de que se encarregara de humilhar o imperador; o seu exército invadira a Baviera, depois de ter derrotado pela segunda vez o conde de Tilly, que ficara no campo de batalha; um dos seus ajudantes, o duque de Bernardo de Saxe-Weimar, penetrara no Tyrol e ameaçava a Itália com os seus velhos bandos suecos. Não era já possível duvidar de que não tivessem mudado as intenções de Gustavo-Adolfo, e de que este não pensasse em aproveitar a sua fortuna para fazer triunfar o protestantismo e transformar em principados temporais os bispados da Alemanha meridional; já mesmo o príncipe anunciava que queria estabelecer a sua residência em Augsburgo.

Urbano compreendeu então a falta enorme que tinha cometido, e para a reparar, minou surdamente o partido do seu aliado, retardou o pagamento dos subsídios, pôs-se em correspondência com Fernando, entregou-lhe os planos de campanha do exército sueco, e o que foi mais fatal a Gustavo-Adolfo, determinou o imperador a dar o comando dos seus exércitos ao terrível barão de Wallenstein, que uma intriga da corte fizera exilar, e que ele considerava como o único general capaz de se medir com o rei da Suécia. Estes dois homens, afamados um e outro pelos seus talentos militares, acharam-se então a frente; Gustavo-Adolfo comandava trinta mil homens de tropas excelentes, Wallenstein um exército de mais de sessenta mil imperiais. O encontro teve lugar em Meisnie, numa vasta planície que se estende entre Weissenfels e Lutzen.

No principio da ação, o exército sueco rompeu as linhas dos imperiais, pô-los em desordens e apoderou-se das suas peças de artilharia. Gustavo, querendo aproveitar esta vantagem, ordenou á sua cavalaria que carregasse o grosso do exército de Wallenstein, e a fim de animar os soldados com o seu exemplo, carregou sobre um esquadrão de couraços. Ou fosse porque a ordem não tivesse sido bem ouvida pelas tropas, ou porque houvesse traição da parte dos oficiais superiores, o príncipe achou-se envolvido no meio dos seus inimigos antes de verificar que apenas era seguido por um pequeno número de cavaleiros. Então quis voltar para a retaguarda, e abriu caminho para sair daquele círculo, mas era tarde. Enfraquecido pelo sangue que perdia em consequência de um ferimento que recebera no braço esquerdo, atacado por todos os lados ao mesmo tempo, não pôde mais do que obrar prodígios de valor. Um tiro de mosquete, disparado á queimadura nas costas, desarcou-o, e ficando-lhe um dos pés preso no estribo, foi arrastado pelo seu cavalo; neste estado, recebeu um outro tiro de mosquete que lhe esmigalhou a cabeça. Assim pereceu este grande príncipe, protetor zeloso do protestantismo, impedido na sua marcha vitoriosa no momento em que ia recolher o fruto dos seus corajosos esforços, e plantar a bandeira da independência religiosa nas ruínas do papismo.

Puffendorf e muitos outros historiadores afirmaram que Gustavo-Adolfo fora vítima de uma traição odiosa, e fazem recair particularmente as suas suspeitas sobre Francisco Alberto, duque de Saxe-Lanenburg, sobre o imperador e sobre o papa; mas o que há de positivo é que a notícia da morte do rei da Suécia foi recebida com transportes de alegria

em Viena e em Roma. Todavia a morte do chefe não abateu a coragem dos protestantes; o duque de Saxe-Weimar, Torstenson, Wrangel, Horn, continuaram a guerra com sucesso, e o chancelier Oxenstiern, por meio de hábeis negociações com a França, Alemanha e com a Holanda, sustentou o ascendente da Suíça sobre o império romano germânico.

Contudo Urbano VIII sabia que a reforma perdera o seu mais importante apoio, e não se inquietou com a luta travada entre os lugares-tenentes de Gustavo-Adolfo e Fernando II; além disso essa guerra era muito útil aos interesses da política, e permitia-lhe realizar os seus projetos de dominação sobre os principados da Itália, sem receio de ser inquietado pela casa d'Austria.

S. Santidade aproveitou-se disso para assegurar a posse do ducado d'Urbino fazendo assassinar o jovem duque, último herdeiro da casa de Rovère. O velho duque Francisco Maria, que havia muito tempo abdicara em favor do seu filho, viu-se obrigado a empunhar as rédeas do governo, e para subtrair sua neta, da idade de um ano, á ambição do pontífice, prometeu-a em casamento ao filho do duque da Toscana, e fê-la transportar para um país vizinho. Preocupações inúteis; Urbano ameaçou o velho duque com uma guerra terrível, e obrigou-o a reconhecer que as suas cidades, terras e domínios eram um feudo da S. Sé; exigiu que os oficiais de província lhe prestassem juramento, de fidelidade, e obrigou-os mesmo a entregar as suas fortalezas nas mãos de criaturas suas; depois, uma manhã, Francisco Maria foi encontrado morto na cama. O sobrinho do papa, Tadeu Barberini, veio tomar posse do país, e o ducado d'Urbino, assim como as cidades de Pesaro e Sinigaglia foram declaradas dependências dos estados da Igreja.

Apesar de S. Santidade se ocupar seriamente em aumentar o patrimônio de S. Pedro, não se descuidava da proteção da sua família, e todos os dias acrescentava ás suas imensas riquezas novos dons, a ponto de em menos de dez anos o tesouro apostólico estava onerado de empréstimos enormes, que os rendimentos da S. Sé não eram suficientes para pagar os juros; calculava-se na cifra de quinhentos milhões de escudos a importância das somas em dinheiros dadas aos sobrinhos do papa, independentemente das que tinham sido empregadas na compra dos palácios, das terras, das vinhas, dos quadros, das estátuas, das obras de ourivesaria, da baixela de ouro ou de prata e das pedrarias. O valor de todas essas coisas era tão grande, segundo refere Foscarini, que é impossível acreditá-lo e dizê-lo.

Jamais o excesso do nepotismo fora levado tão longe pelos pontífices, porque Urbano, não contente com encher os irmãos e os sobrinhos com riquezas de dignidades, de honras e de benefícios, dava estes ainda aos seus filhos ainda de peito, e até mesmo, escândalo até então sem exemplo, aqueles que estavam ainda no ventre das mães. Este grande amor do papa pelos seus parentes estendia-se até ás suas numerosas criaturas e aos seus lisongeiros; não existia verzejador mediocre que não fosse provido de excelentes benefícios em recompensa de algum dístico em louvor dos Barberini.

Em compensação, si Urbano protegia os miseráveis que prostituíam a sua pena por uma adulação baixa e servil, não hesitava em perseguir os homens de genio que recusavam glorificar tão grandes torpezas, e o célebre Galileu Galilei, o pai da filosofia experimental, foi um daqueles que S. Santidade perseguiu com maior encarniçamento. Este homem célebre tinda estabelecido já a teoria do movimento uniformemente acelerado, e assentado as regras do isocronismo das oscilações do pêndulo; além disso, acabava de fazer uma descoberta magnífica, a dos instrumentos de ótica, que abriam um novo ca-

minho á astronomia e permitiam provar pela observação direta, as verdades do sistema de Copérnico, sobre a revolução da terra á roda do sol.

Por meio do seu telescópio, Galilei penetrou nas profundezas da imensidade, e contemplou fenómenos que nenhuns olhos mortais tinham visto ainda; a superfície da lua appareceu-lhe acidentada de montanhas e cortada por vales profundos; Venus apresentou-lhe, assim como o satélite da terra, fases que provavam a sua esfericidade; Jupiter offereceu-se-lhe cercado dos seus quatro asteroides que o acompanham eternamente; a vialactea, as nebulosas, todo o céu enfim, mostrou-se aos seus olhos com milhões de estrelas invisíveis. Que surpresa, que voluptuosidade excitou na alma de Galileu o aspecto de tantas maravilhas. Contudo, a esse grande astrónomo bastaram apenas alguns dias para contar todos esses mundos, e para registrar o resultado das suas admiráveis descobertas num escrito intitulado "O correio celeste", que dedicou aos príncipes de Medicis.

Em seguida, Galileu continuou o curso das suas investigações; observou manchas móveis no sol, e não hesitou em concluir que este astro girava sobre si mesmo, notou no lado obscuro da lua, no primeiro e no último quarto, uma claridade cendrada que não é visível senão com o telescópio, e julgou com razão que esse efeito era devido á luz refletida pelo globo terrestre. As suas observações seguidas sobre as manchas da lua e o seu regresso periódico nas mesmas epochas, levaram-no a descobrir que esse astro apresentava sempre a mesma face á terra; estudou os movimentos e os eclipses dos satélites de Júpiter, serviu-se deles para a medida das longitudes e empreendeu mesmo um grande número de observações sobre esses astros a fim de construir táboas para uso dos navegadores.

Finalmente, de descobertas em descobertas, Galileu conseguiu arrancar á natureza o véu misterioso que a occultara aos olhos dos homens; pôde admirar as leis sublimes que regem o universo; a rotação da terra á roda do sol, a fixidez deste astro, todas as maravilhas desses mundos luminosos que existem na imensidade até o trono da Divindade. Galileu quis esclarecer os outros homens, abrir uma nova estrada á ciência, e publicou as suas admiráveis teorias. Mas por desgraça excitou o ódio invejoso de um papa que tinha tantas pretensões á consciência como á infalibilidade, e o seu protetor, o grão-duque de Toscana, que o nomeara seu matemático extraordinário, não era assás poderoso para o defender contra uma tal inimizade. De todos os lados, os jesuitas, os padres e os frades se levantaram contra Galileu; uns sustentaram que as suas descobertas nos astros eram puras visões, comparáveis ás viagens imaginárias de Astolfo; outros afirmaram terem tido em seu poder o telescópio durante noites inteiras, e não terem visto nada do que o astrólogo Galileu anunciava; todos o encheram de epigramas nos seus sermões, ou procuraram lançar sobre ele o ridículo; fora assim também que tinham procedido os compartriotas de copérnico, chegando ao ponto de o ridicularizarem num teatro.

Galileu continuava a publicar os seus trabalhos sem se ocupar com os clamores dos padres; mas estes imaginaram atacá-lo perante a S. Sé, para fazerem condenar as suas novas teorias como falsas e heréticas. O célebre astrónomo tentou inutilmente serenar aquella tempestade, e publicou um tratado em forma de epistola dirigida á grã-duquesa de Toscana, no qual tentava provar teologicamente, e por citações tiradas dos Padres, que os textos da Escritura não deviam ser tomados á letra e podiam conciliar-se com as novas descobertas sobre a constituição do universo. Este escrito não fez mais do que aumentar a cólera dos seus inimigos; o autor foi acusado de sustentar opiniões errôneas em matéria de fé, de que-

rer derrubar a religião e de ultrajar a Majestade de Deus. Em virtude disto, foi citado a comparecer em Roma, em pessoa, para se ouvir condenar por uma assembléia de cardiais, de arcebispos, de bispos e de teólogos, reunidos sob a presidência de S. Santidade Urbano VIII. Este conciliábulo de padres ignorantes, estúpidos e fanáticos, sem consideração alguma por aquele ilustre ancião, recusou mesmo ouvir as razões que ele alegava em favor de suas teorias e pronunciou a declaração seguinte: "Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; nós todos reunidos neste lugar, sob a inspiração do Espírito Santo, esclarecidos pelas luzes do soberano pontífice, decidimos que nenhum fiel deve acreditar nem sustentar que o sol está colocado imóvel no centro do mundo; decidimos que essa opinião é falsa e absurda em teologia, assim como herética; porque é expressamente contrária às palavras da Escritura, e implicaria uma acusação de ignorância para com Deus, origem de toda a ciência e o revelador dos livros santos. Proibimos igualmente ensinar que a terra não está colocada no centro do universo, que não está imóvel, e que tem um movimento diário de rotação, porque esta segunda proposição é, pelos mesmos motivos, tão falsa e absurda em filosofia, como errônea em matéria de fé."

Galileu quis replicar e fazer valer os argumentos que lhe sugeria a verdade para defender uma doutrina baseada sobre fatos irrecusáveis; mas o papa impôs-lhe silêncio, e declarou que em virtude da sua infalibilidade decidia que a terra estava imóvel e que o universo era regido pelas leis que indicava o Gênesis; finalmente, proibiu-lhe que professasse dali em diante as suas novas teorias.

Apesar de condenado, o nobre ancião, de volta a Florença, com maior amor ainda pela ciência, prosseguiu com o mesmo ardor no estudo das sublimes verdades de que ele se considerava como que o depositário, e para não deixar perder esse precioso tesouro, resolveu reunir numa só obra todas as provas físicas do duplo movimento da terra sobre si mesma e à roda do sol, e das suas relações com os outros planetas no sistema solar. Para tornar palpáveis estas verdades e pô-las ao alcance de todas as inteligências, Galileu não compôs um tratado, mas simples diálogos entre dois personagens dos mais distintos de Veneza e de Florença, e um terceiro interlocutor, que sob o nome de Simplicius, reproduzia os argumentos dos teólogos e da filosofia escolástica; dirigiu-se, em seguida, a Roma e apresentou ousadamente a sua obra ao mestre do palácio sagrado, pedindo-lhe que o examinasse com escrupulosa atenção, que cortasse tudo quanto lhe parecesse suspeito, e a censurasse com a mais extrema severidade. O prelado não suspeitando no autor nenhum pensamento reservado, leu e releu a obra, confiou a mesma a um dos seus colegas que não viu nela nada que censurar, e que lhe deu pelo seu próprio punho aprovação ampla. Galileu, satisfeito por ver corçada de bom resultado a sua astúcia, voltou a Florença e mandou imediatamente imprimir o seu livro.

Logo que apareceram, os diálogos excitaram entre os teólogos e os jesuítas um efeito extraordinário; gritaram todos que era um escândalo e pediram o castigo do culpado. Urbano VIII, que se reconheceu no personagem de Simplicius, e cujo amor próprio se achava em jogo, acolheu as queixas do clero, e apesar das representações do autor, que se escudava com a autorização dada ao seu livro pela censura, apesar dos seus protestos formais de não ter querido atacar a religião, mas somente fazer exposição dos dois sistemas de Ptolmeu e de Copér-

nico, sem para isso adotar nenhuma das duas opiniões, apesar da proteção do grão-duque da Toscana, S. Santidade pôs tudo de parte, entregou-o ao tribunal da inquisição e intimou-o para comparecer em pessoa perante os temíveis juizes do santo ofício. Galileu foi obrigado a obedecer; nem a fraqueza da sua saúde, nem as dores reumáticas que o atormentavam, nem a sua idade avançada, porque contava então setenta anos, puderam abrandar o ódio sacerdotal.

"Cheguei a Roma, diz ele, numa de suas cartas, em 10 de fevereiro de 1633, e fui entregue à clemência da inquisição e do soberano pontífice, que não tinha por mim estima alguma, porque eu não sabia rimar o epigrama ou o soneto amoroso. Ao princípio, encerraram-me no Palácio da Trindade do Monte; no dia seguinte, recebi a visita do padre Lancio, comissário do santo ofício, que me levou na sua carruagem. Durante o caminho, fez-me diversas perguntas e mostrou um grande desejo de que eu reparasse o escândalo que tinha dado a toda a Itália, sustentando a opinião do movimento da terra, e a todas as provas matemáticas que eu lhe opunha, respondia com estas palavras da Escritura: A terra será imóvel por toda a eternidade. Discorrendo assim, chegamos ao palácio do santo ofício; compareci na presença de uma congregação nomeada, não para me julgar, mas para me condenar; contudo, comecei a expor as minhas provas. Apesar do trabalho que tive, não pude conseguir fazer-me compreender; cortavam-me todos os meus raciocínios com tiradas de zelo, e opunham-me sempre a passagem da Escritura sobre o milagre de Josué, como o documento vitorioso do meu processo. Citei, por meu turno, todas essas singulares palavras dos santos que dizem: Que os céus são sólidos e polidos, como um espelho de bronze — para provar que se não devia interpretar à letra a Escritura, si se queria que os povos que não estão sepultados num embrutecimento bárbaro, conservassem algumas crenças nos dogmas da religião; responderam-me com injúrias."

Em seguida a este primeiro interrogatório, Galileu foi encerrado nos cárceres infectos do santo ofício, onde permaneceu muitos meses; depois fizeram-no sair quando supuseram que os sofrimentos, os maus tratamentos e um jejum forçado, tinham diminuído a sua energia moral; mas como ele mostrou a mesma obstinação, S. Santidade fê-lo conduzir à câmara da questão. O desditoso ancião sofreu repetidas vezes o suplício da corda com a maior coragem e sem querer reconhecer-se culpado; afinal, com o corpo quebrado, vencido por dores atrozes, Galileu pediu perdão e declarou que a sua obra estava cheia de mentiras abomináveis. Em seguida, foi levado outra vez à presença do tribunal para pronunciar aí a sua abjuração, o que fez nos seguintes termos: "Eu, Galileu, com setenta anos de idade, estando de joelhos na presença de suas eminências, tendo diante dos olhos os santos Evangelhos que toco com as minhas próprias mãos, abjuro, abomino e amaldiço o erro e a heresia do movimento da terra."

Diz-se que, depois de ter pronunciado esta abjuração, aquele ancião, dominado por um sublime sentimento da verdade, se levantou e batendo com o pé no chão, exclamou: "E contudo ela gira."

Terminada a sua expiação, rasgaram os seus diálogos e condenaram-no à prisão, por tempo indefinido. Tal foi a recompensa que o papa Urbano concedeu aos admiráveis trabalhos de um dos maiores gênios da Humanidade.

Continua

ESTUDEM E SEJAM SINCEROS

Domingos Magarinos

O esquecimento e, talvez, a própria ignorância da História Universal, sobretudo, da História Antiga, tem permitido que os sábios contemporâneos, os doutos, os eruditos, de toda a parte, deixem, sem a lógica dos seus documentados protestos, a divulgação criminosa e mesmo a prática nociva, sob todos os pontos de vista, de teorias ou ideologias proveitosas, proveitosíssimas, para as chamadas Grandes Potências que se associam, na partilha das riquezas do Mundo, mas, nefastas, sinistras e demolidoras para os países que "não dispõem de eficiente defesa militar". Exército não é, apenas, uma classe privilegiada.

O que se vem passando, nos antigos países do Extremo Oriente conquistados ou subjugados, desde os albores do século V, pelos "potentes canhões" dos países da Europa, dêsse tempo, não é, como insidiosamente insinuam o Clero e a "Ciência" *lanque*, respectivamente saturados de Inferno e bomba-atômica, um movimento político-econômico da Rússia Soviética. Expansão do Comunismo.

Não precisa ser um privilegiado mental, um talento ou um gênio, para distinguir um sonho de uma realidade, e perceber, portanto, que, assim, como não temos Democracia, no Brasil, porque, faltam ao povo os indispensáveis requisitos culturais, não pode, pela mesma razão, existir o Comunismo, na Rússia.

Enquanto o Estado intervier, na vida privada do cidadão, como acontece, porque em geral, o cidadão não cumpre, espontaneamente, os seus deveres e não respeita, também, espontaneamente, os direitos alheios, nenhum desses "quiméricos" regimes existirá, realmente, em nossa época, na superfície escabrosa da Terra.

Estudem o fenómeno. Estudem e sejam sinceros ou melhor, honestos.

A guerra que, no momento, arrasa a Coréia e massacra os coréianos, tem outra causa, tem outro motivo. É uma crise da *megalomania política*, norte-americana.

O que se observa, presentemente, na China e outros velhos países da Ásia, não decorre e nada tem de "comum com o Comunismo".

Toda a ação determina uma reação equivalente.

O que se verifica, presentemente, no Extremo Oriente, é, apenas a fatal e automática reação contra o COLONISMO, invasão, devastação, depredação, domínio, furto e roubo das maravilhosas riquezas naturais, dos nababêscos valores, de todas as preciosidades transportadas, criminosamente, para a Europa, isto é, as "respectivas Metrôpoles dêsses países escravizados". A Oceania e a África, também, já despertaram; a Austrália e o Marrocos já se moveram. É a justiça de Deus.

Assim, como as duas Américas se libertaram da Holanda, da França, da Inglaterra (hoje, só existem as três guianas) e, mais tarde, da Espanha e Portugal, a Índia já se libertou da referida Inglaterra, a Indo-China libertar-se-á da França e a Coreia, dos Estados Unidos que, para confirmar a regra ou a fatalidade histórica, livraram-se, por sua vez, das "garras felinas do astuto leopardo britânico" que pretendeu, como os livros nos ensinam, apossar-se das cinco partes do Mundo, imitando o Clero Romano, que conseguiu *esse desideratum*, graças às Cruzadas e à Ordem do Cristo.

Devo salientar, contudo, que, só um país da Ásia escapou ao império, avassalador, da Europa, porque, não se logra ocultar e ninguém esqueceu, ainda,

o fracasso do *pequeno caporal e grande Napoleão*, o invencível cabo de guerra, nessa trágica e dolorosa "retirada das águas francesas, sob o calor do incêndio de Moscou e o frio glacial, o clima polar, do território russo".

O que se passa, em nossos dias, na Ásia, não deriva do Comunismo, é, apenas, o velho processo diplomático-militar, de garantir o direito do mais forte, na conquista mundial do petróleo, dos minérios e de todas as riqueças naturais, espalhadas por este Mundo.

Fôï o que, sobretudo, a França e a Inglaterra, realizaram, no século V, na conquista ou escravisação dos velhos e tradicionais países asiáticos.



PODEMOS TOLERAR ISSO QUÊDOS E MUDOS? NUNCA!
SERIA SOLIDARIZAR-NOS. SERIA ATITUDE REPROVÁ-
VEL DAQUELE ESPÍRITO "MORNO," DE NEUTRALIDADE
REVOLTANTE DOS INCAPAZES DE QUALQUER AÇÃO,
DOS OCIOSOS, VENCIDOS E MUDOS.

Mais da metade da nossa economia vai para o Vaticano!

O célebre decreto pontifical de Alexandre VI, o famigerado Rodrigo Borgia, impunha à Hespanha e a Portugal, em recompensa da espalhafatosa doação da América, aos dois países "católico-romanos", a catequese, por bem ou por mal, dos aborígenes dessas remotas e misteriosas regiões, mas, o que se pretendem, efetivamente, e os fatos documentam, foi assegurar ao Clero Romano a posse da metade do ouro, da prata, das pedras preciosas, dos bens móveis, haveres e fortunas, de tudo, em suma, que a cubica inquisitorial farejou, nessa época, nas terras fabulosas, de além-mar.

Estudem. Estudem e sejam sinceros ou melhor, honestos. A bomba-atômica já não é privilégio dos Estados Unidos.

Rio, 1951.

PROSCRITO DA DIOCESE..

Escreve: † Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Todas as agências telegráficas do mundo ocidental estão controladas pelos Estados Unidos, de maneira que só saem a público as notícias veiculadas e de interesse para as duas potências, que governam o Ocidente: O Vaticano e a América do Norte. E essa é a Liberdade de pensamento e de imprensa de todas as Constituições das Nações Ocidentais!

Acabo de ler o "Aperto de mão do Cardial ao Café Filho". Café Filho dizendo que seria "ótima uma aproximação" com o Cardial e este declarando: "... nada tenho, pessoalmente, contra o sr. Café Filho. Não o conheço, de fato, a não ser de nome e prestígio. Quanto aos motivos, de constran-

CAFÉ FILHO APERTOU A MÃO DO CARDEAL (Noticiado pelos jornais - 30.3.51)



gimento, não existem. A Igreja Católica não se envolveu nas eleições. Os atos de uma associação religiosa, que tem diretoria e mentores próprios, não podem ser atribuídos à Cúria. A única preocupação dos católicos é guardar o nosso povo contra a hidra vermelha". E mais adiante, ainda na mesma reportagem:

"... o secretário disse algo ao ouvido de Sua Eminência, que abaixou a cabeça, afirmativamente. Não havia impedimento. O deputado Gurgel do Amaral se aproximou, trazendo pelo braço o vice-presidente, enquanto as apresentações eram feitas, no tom de absoluta cordialidade..... Por fim, o vice-presidente se colocou ao dispor do príncipe da Igreja: — Estarei às suas ordens, no Senado, senhor Cardial. — Ao seu inteiro dispor, no Palácio S. Joaquim, senhor vice-presidente".

E o Sr. Café Filho, eleito porque se insurgiu contra o Vaticano, sorrindo, apertou a mão criminoso do Cardial D. Jaime de Barros Câmara. Café Filho traiu o seu eleitorado, porque, covarde, não tem coragem de enfrentar situações, na hora em que periga a Pátria. Aliás foi o Sr. Café Filho quem apresentou, ao Presidente Vargas, o Sr. Adroaldo Mesquita da Costa para a segunda vice-presidência da Câmara dos Deputados, o homem sanguinário, que tantos crimes cometeu contra a Constituição Brasileira. O dia do sr. Café Filho chegará e esse dia não está longe!

Telegramas de Praga nos trazem, tardiamente, a notícia da proscrição, da Diocese de Praga, do Arcebispo José Beran, processado, por ter jogado o clero e o povo contra o Governo da Checoslováquia. Do processo consta que "Roma foi sempre contra a democracia", apoiando "todos os elementos autoritários, capitalistas, fascistas e nazistas".

Outro traidor da Checoslováquia o dr. Josef Cizak, de 70 anos de idade, diz: "Dou plena conta dos meus atos. Transmíti relatórios de monsenhor Beran, arcebispo de Praga, ao internúncio papal. E esses relatórios eram, de fato, peças de espionagem".

O dr. Jaroslav Kulac, cônego da catedral de Guy, admitiu que, sob a ocupação alemã, colaborou com o inimigo e com a "Gestapo". Esclareceu que manteve 72 revistas com um dos chefes organizadores da "Gestapo", Robert Hauser, colaborando também na direção de um jornal, o "Lidove List", fazendo apologia do nazismo. O Presidente do Tribunal lhe fez a seguinte pergunta: "Sabieis que milhões de homens tinham sido vítimas da "Gestapo"?"

"Eu o sabia, respondeu o acusado, mas a Alemanha nazista estava mais próxima de mim do que o regime popular". Declarou depois que antes da libertação, ele auxiliara — de acordo com o Partido Popular e segundo as diretrizes dadas pelo Vaticano — a sustar a marcha para o socialismo e a preparar o golpe econômico e político.

Ouvido Monsenhor Bukal, primeiro secretário do Arcebispado de Praga, declarou-se culpado e confessou ter tido, sob a ocupação, "uma atitude criminosa".

"Conhecendo os sentimentos do Vaticano, presetei juramento de fidelidade a Hitler e colaborei com a Gestapo, embora não ignorasse a bestialidade da Alemanha, particularmente, em relação aos povos eslavos".

Na acareação entre Monsenhor Bukal e o Cônego Kulac, este último declarou que realmente, durante a ocupação, foi chefe de um campo de concentração, no qual a Gestapo internava os padres hostis. Bukal, prossequindo, falou em sua atitude depois da libertação e formulou então, durante mais de uma hora, contra o Arcebispo Beran e Monsenhor de Liva, secretário da Internúncia, as mais graves acusações. Travou-se o seguinte diálogo:

ACUSADO — "Entreguei a Beran e a Liva, relatórios de espionagem".

PROMOTOR — "Concluo que desde a sua ascensão à sede arquiépiscopal Beran começou a fazer espionagem".

ACUSADO — "Sim".

O acusado especifica que remeteu ao Arcebispo relatórios sobre a situação política e mesmo sobre a situação militar; leu-os para o Arcebispo Beran, que o encarregou de transmiti-los a de Liva.

A agência central de espionagem na Internúncia de Praga era, segundo Bukal, constituída pelas mais eminentes figuras da Igreja.

O acusado enumera todos os meios que teria utilizado Beran, antes de fevereiro de 1948, para atingir seus objetivos, relações estreitas com homens políticos inimigos do comunismo, particularmente Shramek e Zenki, a utilização da Ação Católica nos

CASAS DE MARIBONDOS

Domingos Magarinos

Apesar de todos os epítetos entoados, com tanto entusiasmo, pelos fervorosos prosélitos ou "escovados aproveitadores" do atual Governo, a cobiciada "herança" que o exmo. sr. general Eurico Dutra vái depôr nas mãos do exmo. sr. dr. Getúlio Vargas, não passa de um verdadeiro "presente de gregos" cu, para falar, em linguagem, genuinamente brasileira, de um extremoso capoeirão inçado de perigosas casas de maribondos.

Maribondos armados, municiados e, sobretudo, exercitados.

Os cativos de antanho, antes de entrarem no eito, como, então, se dizia, verificavam, cautelosamente, se existia, no mato a ser roçado, alguma casa de maribondo, a qual, antes da primeira foçada, era, inteiramente



Cristo, sacrificou-se pela humanidade, nasceu da pobreza e viveu socorrendo os humildes, pregando sua doutrina sem ambição e sem exercer domínio.

amente destruída pelo fogo, a chama intensa de um facho, habilmente manejado.

É triste lembrar e, muito mais, adotar, ainda hoje, na época maravilhosa da Liberdade, métodos, sistemas ou processos utilizados, nos tempos ominosos do Cativo.

É triste, reconheço, porque, demonstra o nosso atraso, em assuntos agronômicos ou melhor, o progresso lento do Brasil, em todos os sentidos, e só o preconceito, confiante na segurança, na infalibilidade dos resultados que s. excia. verificará, se antes da primeira foçada, manejar, com devida habilidade e mão firme, o facho benéfico e destruidor das perigosas casas de maribondos.

Este facho, no caso em apreço, será o "acendrado patriotismo de s. excia."

O "testamento" do exmo. sr. general Eurico Dutra, incontestavelmente, visa encher de casas de maribondos o capoeirão que, certamente, depois de roçado, receberá as sementes da nova plantação.

É a velha rotina, político-agrícola, mas, é preciso não esquecer os maribondos, cujas ferroadas poderão dificultar ou prejudicar a eficiência do trabalho.

O sr. general Cordeiro de Faria, digno membro da ilustre família, não pode ser indiferente à voz do sangue, e, por isto, é natural que, arranjando mais uma casa de maribondo, encareça o dever brasileiro de ajudar o Vaticano e a Casa Branca. Ajudar, justamente, os que mais nos prejudicam. É boa!...

"Por predestinação histórica, impulso racial, fatalidade geográfica, vocação política", e tudo mais, só cumpre ao Brasil e aos brasileiros fazer, precisamente, o contrário do que aconselha o eminente soldado, isto é, assiste-nos a imperiosa obrigação de evitar a prática do nefasto crime de lesopatriotismo



O "PAPA" vive como um nobabo e se apresenta como representante de DEUS, cercado de todos os seus agentes. Sabiam os Brasileiros da verdade e sintam o cheiro da Santidade desse homem, que parece bom mas que acoberta o que há de mais pôdre.

que nos reduz à triste condição inferior de colônia, domínio ou protetorado.

Estão, redondamente enganados os que atribuem, ao que chamam Comunismo Soviético, o fenômeno que, ora, se observa na Ásia.

O que ameaça agitar, novamente, o panorama internacional, é a ganância das Grandes Potências, o soldo dobrado e a equivalente e a automática reação contra o colonismo europeu que avassalou o Mundo, desde os "famosos descobrimentos marítimos".

Assim, como a América Latina libertou-se da Espanha, o Brasil, de Portugal, a Ásia procura emancipar-se do jugo europeu, hoje, comandado pelos Estados Unidos da América do Norte. A Índia, deu o exemplo, libertando-se da Inglaterra.

Mas, voltando ao nosso caso, desejo justificar o meu ponto de vista.

A vida, cada vez, encarece mais e os Moisés

Faz-se, insofismavelmente necessário, um rigoroso expurgo, na maioria dos setores da administração nacional. Altos e baixos funcionários abusam do "direito administrativo" e, de fato, não têm a noção dos seus mínimos deveres.

As melhores intenções e os melhores propósitos de s. excia. serão, insidiosamente deturpados, porque, "diariamente, são vistos, em várias repartições públicas, conhecidos *homens de fé e homens de negócios*, a serviço do Vaticano e da Casa Branca". Cavilosos missionários e sôlertes representantes do "Banco de Boston" e outros, mais importantes, de Nova York.

Não ha lei que nos obrigue a ser católicos à moda do Vaticano, nem democratas à moda da Casa Branca, mas, os funcionários que não satisfazem a vontade e o interesse dessas "partes", são considerados *comunistas*.

A liberdade de consciência, pensamento, crença e culto religioso que a Constituição assegura aos brasileiros, é criminosamente sofismada, falseada, porque, argumentam os advogados ou devotos do Clero Romano que "o Poder Espiritual (a Igreja de Roma), em caso algum, pode submeter-se ao Temporal (a Soberania Nacional)", heresia jurídica que não pode ser homologada pelos nossos integros e eminentes juristas.

E os documentos comprobatórios dessas afirmativas?

Não existem, nunca existiram e não podem existir, responderei, honestamente. São "ordens superiores", gíria administrativa, adotada, no Brasil, desde Pedro I. São "determinações verbais", infalivelmente cumpridas e consideradas "fatos consumados". Transmitedas de viva voz, insidiosamente executadas e criminosamente recompensadas. *Verba volant, explicam, cínica e audaciosamente, parodiando a velha sentença.*

E, como conseguir *provas evidentes* desses crimes, se, os que as deveriam fornecer, são, justamente, os acuzados ou melhor, os criminosos?

Ouça s. excia. o Tribunal de Contas e ficará horrorizado.

Só uma comissão constituída de homens de absoluta integridade e da confiança de s. excia., e assim mesmo, agindo, secretamente, exercendo uma verdadeira contra-espionagem, poderá constatar estes e outros atentados, ainda mais graves.

Para perceber-se que não me afasto da verdade e, mais ainda, que não preciso apresentar *provas evidentes*, basta raciocinar um pouco.

Por que motivo foram instaladas essas *capelas*, nas sedes dos Governos, nas repartições públicas, nos quartéis, nos estabelecimentos de ensino, mantidos pelo Estado?

Por que voltaram os *capelães*, aos regimentos, senão para facilitar, a esses *dignos missionários*, a fiscalização ou espionagem de tudo que, por mais secreto, possa ocorrer, no interior desses institutos?

Essas *capelas*, além de tudo isto, são a *pedra de toque*: os funcionários que não se apressam a frequentá-las, cotidianamente, vão para o *Index*, o Livro Negro. Perdem todos os direitos e são lezados, em seus vencimentos. Estão "excomungados", para todos os efeitos. Reclamam, porém, nada conseguem.

Por que ler, todas as noites, como acontece, por ocasião da transmissão radiofônica do expediente oficial, as deliberações cotidianas do Clero Romano,

Somos domínio do Vaticano? Professamos, oficialmente, a Religião Católica Romana? A Constituição concede privilégio a esta ou aquela religião?

Cumprido mais este dever, saldada mais essa dívida de honra, s. excia. voltará a sua preciosa atenção para as tabelas de vencimentos do funcionalismo civil e militar, "honesta e criteriosamente organizadas".



QUE APAVORA OS ESPÍRITOS SIMPLÓRIOS, FA-PALVOS, TOLOS, ATOLEIMADOS, VERDADEIROS BASTAQUES E PATÉTAS. A EXCOMUNICAÇÃO, INFERNO, ETC., SÃO COISAS DO CLERO ROMANO. DEUS DEUS A JUSTIÇA, O AMOR, A CIÊNCIA E A VERDADE.

De relance, notará o intuito absurdo em negar a superioridade ou, por outra, nivelar, "democraticamente", função intelectual com trabalho manual ou serviço braçal.

A vida está cara para todos, mas, não é possível que um lavrador de automóveis ou uma criadinha de servir perceba tanto ou mais que um funcionário que de conhecimentos científicos, prestou concurso como, do mesmo modo, não é justo, não é lógico, não é moral que senadores, deputados, magistrados, altas patentes, que deveriam dar o exemplo, continuem a desfrutar o privilégio, o monopólio de usufruir subsídios, ordenados, soldos, salários astronômicos que ameaçam levar o país à banca róta.

Dêa, onde dóer, essas cousas não podem continuar.

O funcionalismo público, brasileiro, constitui uma *classe única*; civil ou militar.

As condições exigidas, impostas, tanto aos civis, como aos militares, são idênticas ou, pelo menos, equivalentes: competência e honestidade.

Em que um militar competente e honesto é superior a um civil, também, competente e honesto? Em que o serviço militar vale mais do que o serviço civil? Cumprindo os respectivos deveres, estão moralmente, equipados.

Por que o Governo não organiza uma tabela única ou melhor, um código único de vencimentos e vantagens, justa e equitativamente, proporcionais às respectivas categorias? A ética democrática não admite privilégios ou monopólios.

Por que esse ilogismo, essa injustiça que, ora, prevalece?

Por que, para permitir super-vencimentos e super-vantagens aos militares, onerar o erário público

Rumo à Felicidade

* * * Escreve: † *Carlos Duarte Costa*, Bispo do Rio de Janeiro * * *

Perguntas e Respostas

LEIS DA PRODUÇÃO

(Continuação)

Os três fatores da produção: Terra — Trabalho — Capital:

P. — Por que a terra é o primeiro fator da produção?

R. — O homem dá início à produção, aplicando seus esforços, seu trabalho, naquilo que a natureza lhe concede e que a Economia Política chama terra, que já existia, quando êle veio ao mundo.

P. — É o capital?

R. — O trabalho do homem, aplicado ao elemento terra, realiza a produção da riqueza, e a parte desta riqueza que não se gasta imediatamente e o homem a emprega para usufruir maiores vantagens no seu trabalho, é o que se chama capital.

P. — Podem a terra ou o capital, sozinhos ou juntos, produzir riqueza?

R. — Tanto a terra, como o capital, sozinhos ou juntos, não podem conseguir produção, que se dá com o trabalho do homem, aplicado aos fatores terra e capital.

Primeiro fator da produção: Terra.

P. — Por que a Economia Política condensa no termo terra, as águas, o ar, a luz, os astros, as montanhas, etc.?

R. — Para simplificar e demonstrar que todos êles fazem parte do mesmo fator da natureza e que a vida do homem depende dêsses elementos e que sem êles, não poderia produzir nenhuma riqueza, nem êle mesmo subsistir.

P. — Por que se diz que “a terra é para quem trabalha”?

R. — Simples frase literária. O mesmo que dizer: "o ar é para quem o respira". O fator terra tem na Economia Política um atributo importante na produção e distribuição da riqueza, que ninguém pode ignorar, e a sua legislação deve ser científica, sem privilégios, sem manifestação de força, nem generosidades caritativas, tendo diante de si exclusivamente a JUSTIÇA.

P. — E qual é, num país, o melhor sistema de legislar a terra?

R. — O único sistema, verdadeiramente, científico e que não admite refutação, porque moral, é aquele em que o governo chama a si a renda, valor de obrigação que traz consigo a terra, valor que lhe dá a sociedade, e que continua nas mãos dos atuais detentores. Não chamar a si a renda da terra, equivale a ter o Estado que acarretar com as consequências das greves, da miséria, da fome, das revoluções, das guerras, anulando, destarte, o progresso da civilização.

Lei da Renda

P. — O dono de uma casa, ao alugá-la, não tem direito á renda?

de tal maneira que se torna impossível reconhecer os direitos dos funcionários civis?

Por que aquinhoar, escandalosamente, uns e prejudicar, criminosamente, outros?

Por que beneficiar uns e negar o direito de outros?

Explicam, *dogmática e misteriosamente*, que os militares apoderaram-se, *estrategicamente*, da quase totalidade dos cargos mais elevados da administração pública e, d'aí, o fato ou melhor, a "prerrogativa" que lhes atribue uma "justiça especial", um "tribunal *sui-generis*". Direitos excepcionais.

Dizem, ainda, que os militares fazem *jus* a certas vantagens, porque arriscam a vida, na guerra, em defesa da coletividade.

Acaso, os civis, que não gozam das mesmas regalias e não fazem o devido adexramento, não são levados a idêntico sacrifício?

Afirmam, outro sim, que os militares transformaram o Exército, em partido político, porém, partido político que *vence sempre*, porque, dispõe de armas proibidas aos outros partidos políticos. É um

partido *non-plus-ultra!*... Um partido que amedrosta e anula os tres poderes da República.

Não pretendo, para os civis, os privilégios e monopólios *facultados* aos militares. No regimen republicano, nas legitimas democracias, todos os cidadãos são iguaes perante a lei. Não existem suzeranos e, muito menos, servos da gleba. Não há senhores e, muito menos, escravos.

Queime s. excia. essas malditas *casas de maribondos* e verã, com a graça de Deus, tudo entrar nos seus respectivos eixos.

O verdadeiro soldado, o militar conciente dos seus deveres, sabe honrar a farda e uzar, com dignidade, as armas que o povo lhe confia para a defesa da integridade da Pátria. Sabe que pode ser político, mas, não tem o direito de converter ou transformar o Exército em partido político. Segue o esquecido, porem, patriótico exemplo do marechal Hermes da Fonseca que, por ter impugnado, como Presidente da República, o ilegalissimo privilégio, fôí vitima da iniqua moção que, ao invés de reduzir, tanto engrandece o seu magnânimo vulto, na memória dos brasileiros dignos d'este nome.

Rio, 1950.



- R. — Ao dono de uma casa, alugando-a, lhe cabe o direito ao juro do capital casa, pelo trabalho que teve em construí-la. Não tem, porém, direito à remuneração da terra ocupada pela casa.
- P. — Mas si comprou tudo: terra e casa? efetuados na construção da casa. As despesas Não é difícil fazer-se o computo das despesas acrescenta-se o juro, direito privativo do proprietário, único senhor do seu trabalho. A terra seja devolvida ao Estado, a quem compete a arrecadação da renda. Da propriedade privada da terra advêm todos os males sociais.
- P. — Como se forma a renda?
- R. — Com a vida dos homens em sociedade. Esta começa numa aldeia. A aldeia transforma-se em vila. A vila em cidade. Esta, crescendo o número de seus habitantes, vai se desenvolvendo e progredindo. O progresso aumenta o valor da terra. Forma-se o centro da cidade. Depois, vêm os outros bairros, uns mais procurados de que outros. Está feita a concorrência, que dá valor à terra, produzindo renda maior ou menor, de acordo com a localização da terra.
- P. — Como se pode calcular a renda de um terreno?
- R. — Mediante estatística do valor terra e do valor edificio. Quando um edificio é destruido, o terreno não perde o seu valor, que é a renda capitalizada. Daí nasce a exploração da inversão de capitais em terras, com prejuizo da comunidade, que fica privada de teto.
- P. — Quem não aluga, nem edifica, conservando o terreno baldio, que lucro tem?
- R. — Não passa de um explorador, de um ganancioso, de um espírito retrogrado, procurando travar o progresso da civilização. É um ladrão graduado que, hoje, se denominaria capitalis-

ta, vaticanista, de que é composta a civilização cristã.

- P. — Que entende a Economia Política por valor renda?
- R. — É um valor de obrigação, diferente de todos os demais valores. É um valor não adquirido pelo trabalho, nem pelo capital. É um valor que provem da terra, dada por Deus a todos os homens, e que aumenta com o desenvolvimento da população, da ciência, das artes, da cultura, da boa administração, em vista do progresso da civilização.
- P. — E essa renda é suficiente para cobrir tôdas as necessidades de um país?
- R. — A renda de qualquer nação do mundo cobre folgadoamente todos os gastos de seu governo.
- P. — Poderá manter uma burocracia numerosa e improdutiva, como o militarismo e instituições políticas?
- R. — A renda representa somas enormes em tôdas as partes. Arrecadada pelo fisco, em substituição de todos os impostos, produziria um efeito extraordinário, experimentando todos os benéficos resultados da liberdade e eliminando tôdas as instituições parasitárias, transformando seus componentes em seres úteis à Sociedade.
- P. — Por que a renda é tão mal entendida e confundida?
- R. — Porque, cientificamente, compreendido seu valor social, não poderá ser defendida a propriedade privada da terra.
- P. — Não pode ser fixada a renda correspondente a um terreno numa cidade ou fora da cidade?
- R. — A renda é fixada de acordo com a colocação dos terrenos. Assim, o terreno pode ser arenoso e ter um grande valor, porque dentro de

uma cidade, pagando, por isso, imposto elevado; ao passo que um excelente terreno, fora da cidade, pode deixar de alcançar renda.

P. — A renda máxima de um terreno numa cidade, qual seria?

R. — Não há renda máxima, nem mínima. A renda é uma. Poderá o fisco arrecadá-la toda, em parte ou nenhuma. Não há fórmula para determinar com precisão a renda de um terreno na cidade ou fora, porque ela depende do progresso do país.

P. — Um governo sem escrúpulo poderia arrecadar, com a renda, parte do capital e do salário?

R. — Poderia, sim. Seria, porém, tamanha a desgraça, que o povo teria necessidade de se levantar contra tal governo.

P. — Si o fisco não for fiel na arrecadação exata da renda, prejudicará as partes?

R. — Claro que sim, prejudicando as partes dos fatores da produção e distribuição da riqueza. Essa falha seria corrigida imediatamente. Seriam casos isolados, de fácil sanção.

P. — O governo arrecadando a renda, não poderá ser vendida a terra?

R. — Deixaria de existir o valor da terra vendida, para subsistir o valor único da renda?

P. — Por que sucederá isso?

R. — Porque ninguém inverterá capitais, adquirindo terras, cujas rendas o fisco tomará.

P. — E os pobres que compraram a terra, para terem a sua casa?

R. — Os pobres, por essa terra, nada terão, si pretenderem vendê-la, mas a terra ser-lhes-á útil do mesmo modo.

P. — Como, si lhes custou tanto sacrifício e ninguém dá nada por ela?

R. — Passaria com esses pobres, o que se passa conosco, quando compramos uma mercadoria cara e ela baixa depois. Do mesmo modo, essa mercadoria nos é útil. Assim os pobres terão grandes vantagens.

P. — Quais seriam essas vantagens?

R. — Isenção de outros impostos e consequente barateamento da vida, elevação de salários, vantagens essas tão grandes, impedidas pela infame propriedade privada da terra.

P. — Suprimindo todos os impostos e permitindo, aos ricos, que fiquem com suas fortunas, não ficarão eles mais ricos e os pobres mais pobres, ficando estes sem a renda dos seus miseráveis lotes de terra?

R. — Não deve haver receio que o rico fique mais rico e o pobre mais pobre, porque são de se dar nem uma coisa, nem outra. O rico não poderá explorar suas terras e si quiser conservar sua fortuna, terá que trabalhar, vivendo numa sociedade "humana, respeitosa, dignificadora da justiça social". O pobre perderá o valor de seus lotes, podendo, com a melhora da vida, adquirir outro maior e melhor num mundo que será a glória da sua família.

Segundo fator da produção: Trabalho.

P. — Por que o homem deve trabalhar?

R. — Porque só com o trabalho, o homem pode ter aquilo que necessita para satisfazer seus desejos: a terra onde vive, depósito de onde extrai tudo o que lhe falta, por meio do esforço ou trabalho.

P. — Por que o trabalho, em seu início, precisa ser espiritual?

R. — O homem não age por instinto, mas pela razão, e quando quer fazer alguma coisa, pensa como poderá executar aquilo em que está pensando.

P. — Si a terra é livre, todos os homens terão que trabalhar a terra?

R. — Não. Irão trabalhar a terra aqueles que encontram nela melhor retribuição ou têm prazer nisso.

P. — E si muitos vão trabalhar a terra, haverá superprodução, o que provocará o desemprego.

R. — Por grande que seja o número daqueles que se dedicam ao trabalho da terra, em suas diferentes formas, e por muito que produzam, nunca haverá o problema dos desocupados, tendo sempre presente o que diziam os antigos: "Nunca o ano é ruim, por grande que seja a safra do trigo".

P. — Como se entende que o trabalho gera o capital?

R. — O navio, uma casa de negócio, uma fábrica, uma estrada de ferro, tudo isso representa capital. Si esse capital não é fiscalizado pelo trabalho, ele desaparece por falta do esforço humano na sua conservação.

P. — Si não há luta entre o capital e o trabalho, por que o capital não paga melhor o trabalho?

R. — Não é o capital que fixa o pagamento ao operário. É o que veremos, agora, na lei do salário.

Lei do salário

P. — Não seria conveniente abolir o salário, para deixar de haver assalariados?

R. — O salário é a parte que corresponde ao trabalho, na distribuição da riqueza. Governo de força, ditadores, sonhadores ideológicos quiseram ou imaginaram sua abolição; pretendiam submetê-lo a um controle, fixando o salário mínimo. Todos fracassaram, porque isso é impossível e não resiste a nenhuma análise inteligente.

P. — Fracassaram porque o povo não compreendeu o que eles queriam?

R. — Não. Fracassaram porque as leis naturais que regem as coisas do mundo, não podem ser joguete de caprichos, mais ou menos generosos, ou de despóticos sistemas de governo. A lei natural do salário traçada pela Economia Política demonstra claramente, não admitindo dúvidas, que num regime de justiça, o trabalho deve ser o senhor do capital.

P. — Como poderá ser isso?

R. — Quando o salário obtenha, pela ação da liberdade da terra, todo o produto do seu trabalho, o salário será elevado, aumentará a produção da riqueza, dando margem, aos trabalhadores, a maiores gastos. Assim crescerá a distribuição da riqueza produzida.

P. — Si a direção das instituições da produção está ou é efetuada pelos próprios trabalhadores, não nascerão daí instituições burocráticas, surgindo salários de superintendência sem merecimento?

R. — Os trabalhadores veriam o esbanjamento e se levantariam contra isso.

P. — E si um quadro traisse a instituição?

R. — Si pessoas alheias a uma empresa podem administrá-la, porque os operários, interessados, não poderão?

P. — Com semelhante sistema, aplicado pela Economia Política, haveria mais ricos?

R. — Todos seriam ricos, e o número de pobres não seria aumentado.

P. — Em que se baseia esse sistema, para sustentar que não é o capital que faz a felicidade dos trabalhadores?

- R. — Os salários são pagos, terminado o trabalho, nunca antes, salvo raríssimas exceções. Isto dá a entender que os salários são pagos com o mesmo trabalho.
- P. — Mas o que vemos é o capital pagando os salários e, sem o capital, o trabalho não poderia começar grandes obras!
- R. — Expliquemos: Si uma pessoa ou uma empresa tem um milhão de cruzeiros papel, que não é capital, mas, sim, riqueza particular, e quer inverter essa soma em capital, construindo uma barca, a medida que a barca vai sendo construída, o milhão de cruzeiros papel vai diminuindo até acabar, e a barca ficou pronta. O milhão de cruzeiros papel assume a forma de capital, que é a barca, e isto se deu pela ação do trabalho, que devido ao seu esforço acrescentou ao milhão de cruzeiros papel um valor maior que é a barca.
- P. — Si os salários não dependem do capital, como podem ser elevados?
- R. — Já o dissemos. Os salários só podem benéfica e justicavelmente ser aumentados, liberada a terra cientificamente, de acordo com a Economia Política. E como, no salário, não está toda a parte correspondente aos produtos pelo seu esforço, a este compete o lucro remanescente.
- P. — Então os operários seriam os donos do capital das fábricas ou negócios onde trabalham?
- R. — Ao capital corresponde o juro da soma investida no estabelecimento; o resto deve ser repartido entre os operários. Deste modo não fazem falta as aposentadorias, nem as festas de Natal, com o seu abono.
- P. — Que utilidade teriam então os sindicatos ou confederação dos trabalhadores, divididos em classe?
- R. — Os sindicatos ou confederação têm o propósito de unificar todas as instituições, visando uma sólida cooperação, imprimindo ao progresso o mais alto grau de civilização humana.

(Continua)

TELEGRAMA

Presidente Junta Militar

Palácio Miraflores

CARACAS

Venezuela

Qualidade fundador Igrejas Nacionais, nome católicos brasileiros e todas nações americanas, protesto veemência contra prisão Monsenhor Castillo Méndez, por pressão Vaticano, exigindo sua libertação imediata, nome Humanidade, e responsabilizando esse Governo sua preciosa existência. Saudações.

Dom Carlos Duarte Costa

Bispo Rio Janeiro, ICAB.

Rua Clovis Beviláqua, 259.

Aviso — Associação de N. S. Menina

Por ordem do VATICANO, está sendo feita uma grande campanha, em todas as IGREJAS ROMANAS do Rio de Janeiro, contra a ASSOCIAÇÃO DE N. S. MENINA, mantenedora da ESCOLA N. S. MENINA, sita à rua do Couto, n.º 54 — PENHA — A campanha está sendo mais forte, na ZONA SUL, sobressaindo, a todos, os VIGÁRIOS de COPACABANA e IPANEMA. Os católicos brasileiros frequentemente, de modo especial, as PARÓQUIAS de COPACABANA e IPANEMA, para se certificarem, a fim de que eu possa tomar as providências cabíveis, dentro do Código Civil Brasileiro, devendo as comunicações serem encaminhadas à sede da Associação, à rua da Constituição, 10-sob.º

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1951

† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Vários Assuntos...

R. Magalhães Junior

PUNIÇÃO DOS FILHOS... — Um leitor desta coluna trouxe ao nosso conhecimento um caso verdadeiramente triste, de intolerância religiosa. O caso é este: certo colégio de meninas cancela sumariamente a matrícula e desliga as alunas cujos pais são desquitados. Pode o comportamento das meninas ser exemplar, pode o grau de aproveitamento de cada uma delas ser excelente, mas nada disso é levado em conta. A aluna vai para a rua, impiedosamente. E, assim, além do traumatismo moral inevitavelmente causado pela desarmonia entre os pais, para dissolução do casal e pelas novas condições de vida que tem de adotar, a criança sofre outro tremendo choque com uma expulsão injusta, com a perda das amizades de colégio, com um castigo que em absoluto não merece. O colégio é católico. É regra de direito, — e de moral, portanto, — que nenhuma pena pode ir além da pessoa dos delinquentes... E, se não houvesse essa regra, haveria ainda um conselho a ser tomado em consideração: "Amai-vos uns aos outros". Conselho que, naquele colégio católico, decerto foi esquecido...

Do "Diário de Notícias".
Rio, 31-3-1951.

Essa missa é celebrada, em homenagem á N. S. Menina, a padroeira da ICAB.

1.º DE JANEIRO DE 1951

S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, na missa dominical, apresentou votos de ANO FELIZ a todos os bons brasileiros, que cooperaam e colaboram no movimento de redenção da Pátria, escravizada ao Vaticano e ao Americano.

Anotem os bons brasileiros: Durante o ano de 1950, foram celebradas, na Penha, 3898 missas. Representa isso muito sacrifício de S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa e do Padre Olinto Ferreira Pinto, seu auxiliar. Com a celebração dessas missas, está sendo mantido o culto da ICAB, na Penha; foram feitos melhoramentos na Igreja; e foi comprado um terreno, nos fundos, no valor de Cr\$ 50.000,00.

Durante o mês de Dezembro de 1950, foram realizados, na Penha, 36 casamentos. Já é alguma coisa! O povo já vai compreendendo a necessidade da Igreja Nacional.

Com grande brilhantismo, foram realizados os festejos em honra do padroeiro da cidade, o glorioso martir S. Sebastião.



Enlace matrimonial da exma. senhorinha Maria José Rodrigues e José Luiz Rodrigues Calazans (Jararaca), no dia 8 de Janeiro de 1951, na Penha, Distrito Federal



Foto no momento em que D. Laura Jannuzzi, Tesoureira da Irmandade de S. Ana, distribuía gêneros, aos pobres da ICAB: Ao seu lado, está o Padre Olinto Pinto.

SEMANA SANTA

Ressaltou S. Ex. Revma. a grande atividade do Sr. Antônio Mellace Netto, em S. Paulo, em cuja Escola estão matriculados 240 crianças, sendo essa Escola apresentada como modelar, entre as congêneres da capital paulista, pelas Autoridades Escolares do Governo Bandeirante.

Por ocasião da bênção da bandeira nacional, saudou as crianças o ilustre Prof. Tibiriçá de Souza, conhecido, em todo o Brasil, como pedagogo ilustre e grande propulsor da alfabetização de adultos, sobretudo, no Distrito Federal e em S. Paulo.

Este ano a Escola N. S. Menina está entregue aos Padres Olinto Ferreira Pinto e Altair Soares Guimarães, como professores, o primeiro do turno da tarde — 2 e 3 séries; o segundo do turno da manhã — 1 e 4 séries. Os trabalhos manuais das meninas estão entregues a exma. professora D. Maria da Glória Ferreira, que dará aulas, no turno da manhã, das 10 às 12 horas, às segundas feiras; e no turno da tarde, das 15 às 17 horas, às quintas feiras.



Festa nupcial de Maria de Souza Silva e Carlos Luiz da Silva, no momento em que os noivos partem o bolo, no dia 27 de Janeiro de 1951, em Irajá, Distrito Federal. O Sr. Carlos Luiz da Silva é um grande propagandista da ICAB.

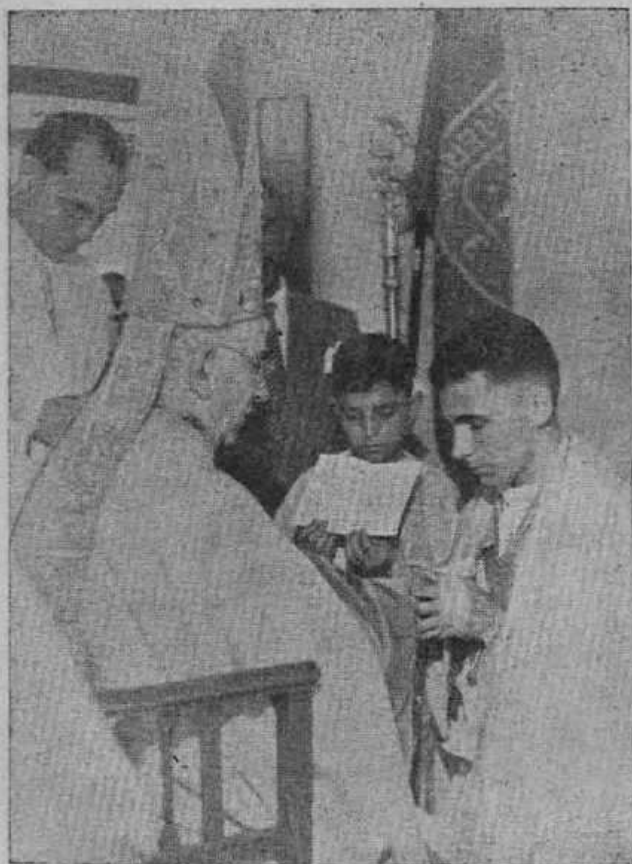
A Escola funciona, na parte da manhã, todos os dias, menos aos sábados, das 8 às 12 horas; na parte da tarde, também, todos os dias, menos aos sábados, das 13 às 17 horas.

Pela sua dedicação à Escola N. S. Menina, merece francos elogios o Sr. Edlon Villaca Nunes, genro do Sr. Antônio Mellace Netto e D. Rosa Maida Mellace, casado com a exma. Sra. D. Ivone Mellace Nunes.

ASSISTÊNCIA AOS CENTROS ESPIRITAS.

Foi dada assistência aos seguintes centros:

- S. Jorge, em Deodoro;
- S. Sebastião, em Vigário Geral;
- S. Jorge, na Penha;
- Caboclo das Sete Estrelas, na Penha;
- Tenda de Jesus, em S. Cristovão;
- S. Sebastião, na Penha;
- Jupiaçara, em Circular da Penha;
- Itacibá, em Caxias.
- Jesus, Maria, José, em Lobo Junior;
- Casa da Caridade S. Sebastião, em Caxias;
- S. Sebastião, em S. Mateus;
- Caboclo Guaraciana, Estácio de Sá;
- N. S. de Fátima, em Madureira.



Ordenação sacerdotal do diácono Altair Soares Guimarães, no dia 28 de Janeiro de 1951, na Penha, por S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO PADRE ALTAIR SOARES GUIMARÃES

No dia 28 de Janeiro de 1951, foi promovido à sagrada ordem de presbítero o diácono Altair Soares Guimarães, nascido nesta capital, a primeiro de Junho de 1927, filho de Alfredo Soares Guimarães e de Corina da Conceição, batizado na paróquia de Campo Grande, Distrito Federal, crismado na mesma paróquia, solteiro, reservista de primeira categoria, conforme certificado, sob n.º 004617, em caso de mobilização, servirá na terceira zona aérea, do Ministério da Aeronáutica, estudante.



Ordenação sacerdotal do diácono Altair Soares Guimarães, na Penha, pelo Ex. Revmo. Sr. Dom Carlos Duarte Costa. O novo sacerdote entre seus padrinhos: Padre Olinto Pinto e d. Laura Fernandes Jannuzzi. O Padre Altair servirá na Penha, como auxiliar do Padre Olinto Pinto.

Procedeu-se à ordenação, na Igreja Paroquial de S. Ana, sendo seus padrinhos o Padre Olinto Ferreira Pinto e D. Laura Fernandes Jannuzzi, oficiando S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro.

A Igreja estava repleta, estando presentes seus parentes e amigos.

Terminada a cerimônia, o novo sacerdote ofereceu, aos assistentes, uma mesa de doces.

O Padre Altair servirá, na Penha, como auxiliar do Padre Olinto Ferreira Pinto e como professor da Escola N. S. Menina.

Ao novo sacerdote da ICAB, as felicitações de "LUTA!"



S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, preside aos consórcios: Atilas da Silva-Agenor Domingues Viana; Yolanda Domingues Viana-Lindenbergh Dias Santiago; Elizabeth Domingues Viana-José Silva; e Diva Martins da Conceição-Edmundo Domingues Viana; no dia 9 de Dezembro de 1950, na Penha, Distrito Federal.



Enlace matrimonial da exma. sra. D. Maria de Souza Silva e Carlos Luiz da Silva, em a. sua residência, à rua Honório de Almeida, 96 — Irajá Distrito Federal, no dia 27 de Janeiro de 1951.



Enlace matrimonial da exma. senhorinha Maria Mourão e Carlos Bandeira de Melo e Cantanheda, no dia 9 de Dezembro de 1950, na Penha, Distrito Federal.

Estado de S. Catarina

LAJES — Em 26 de Novembro de 1950, foram celebradas grandes festas em honra da padroeira do Estado de S. Catarina, obedecendo ao seguinte programa:

As 7,30 da manhã — Missa e Comunhão Geral para a Juventude Militante.

As 10 horas — Missa solene, na intenção de todos os Diocesanos de Sta. Catarina, seguindo-se a homenagem pública com a linda Imagem da Virgem e Mártir do Cristianismo.

As autoridades civis e militares, aos catarinenses diocesanos, à juventude da nossa terra, e ao público em geral — o nosso atencioso e cordial CONVITE.

Espera-se que todos os Catarinenses concorram bondosamente para o brilhantismo da festa da nossa excelsa Padroeira.

*Nossa Igreja Brasileira
É a Igreja do Brasil!
Brasileiros, vinde todos
Procurar o seu Redil.*

Em Cristo Pelo Brasil.

Visto. Lajes, Novembro de 1950.

A comissão festeira

+ ANTIDIO, Bispo de Sta. Catarina.

As festas de Natal e Ano Bom estiveram bem concorridas. Durante o mês de Dezembro, foram realizados 19 batizados, 11 casamentos e 32 crismas. Grande foi o número de fiéis que se aproximaram da mesa eucarística.

Com grande solenidade, foram inaugurados os alicerces da Escola N. S. Menina.

Precisando S. Ex. Rvma. o Sr. Dom Antídio José Vargas, Bispo de S. Catarina, de 40.000 tijolos para levantar as paredes e tendo, apenas, ... 12.000, as obras estão paralizadas. É preciso que os catarinenses auxiliem a S. Ex. Rvma. a levantar, quanto antes, essas paredes, para que a mocidade se liberte do fanatismo do Vaticano, esses frades franciscanos ricos, possuidores de grandes terras, por isso, latifundiários, agentes secretos do exército internacional do Vaticano.

Com toda solenidade do ritual, foram realizadas as cerimônias da Semana Santa, obedecendo ao seguinte programa:

QUINTA-FEIRA SANTA:

As 9 horas — Missa, Comunhão geral dos fiéis, e grande Procissão Eucarística.

SEXTA-FEIRA SANTA:

As 8 horas — Liturgia fúnebre, e à tarde, às 5 horas, veneração da Santa Cruz e Procissão do Senhor Morto.

SABADO SANTO:

As 7 horas, começarão as cerimônias do dia, terminando com o festivo rompimento do Alelúia.

DOMINGO DE PASCOA:

As 10 horas — Missa Pontifical, seguindo-se a Procissão e os festejos no pátio.
Brasileiros, vinde todos!

Em Cristo Pelo Brasil

Governo Diocesano

Lajes, 17-3-51.

Os frades estrangeiros romanos continuam provocando os católicos brasileiros.

No domingo de ramos, os fanáticos romanos passaram em frente ao Templo Nacional, dando vivas ao "papa", à Igreja Romana, ao fascista Dom Daniel, etc. Dentro do Templo Nacional, estava Dom Antídio que, surpreendido, com um pequeno grupo de católicos brasileiros, apareceu na porta e respondeu aos vivas desses traidores da Pátria, erguendo vivas à Igreja Brasileira, à Pátria, etc. E, à noite, leu, ao povo, a história dos crimes dos papas.

Em Rio das Antas, está trabalhando bem o Padre José Fonseca, na paróquia e no pequeno seminário.

Estado do Ceará

FORTALEZA — Boas são as notícias que nos chegam do Ceará. O movimento vai tomando impulso, na capital e no interior do Estado, grande é o interesse pela Igreja Nacional.

Em Fortaleza, já está formada e organizada a mocidade, quer na parte masculina, quer na feminina. Numerosos são os batizados e casamentos. Grande a afluência do povo às missas dominicais, na sede e nos bairros.

Correspondendo ao apelo do Ilmo. Revmo. Sr. Padre Raimundo Simplicio de Almeida. Pároco de S. José de Fortaleza, os fiéis estão fornecendo as alfaías necessárias ao culto divino. Aqui transcre-



Foi nessa humilde casa, onde começou o movimento libertador do Brasil do jugo nefasto do Vaticano, no Ceará. É o lar dos progenitores do Padre Raimundo Simplicio de Almeida.

vemos tópicos de uma das cartas recebidas do Padre Raimundo, para que o povo brasileiro verifique quais as disposições da ICAB, relativamente a Cristo e à Pátria:

"No dia 31 de Dezembro, às 11 e meia da noite, expuz solenemente o Santíssimo Sacramento, perante o qual rendemos as nossas ações de graças e cantei o "Te Deum" em português, e quando os foguetes e as fábricas estroaram e apitaram, anunciando a entrada do ano novo, neste mesmo instante, eu abençoava todos os católicos brasileiros presentes e ausentes com o Santíssimo Sacramento do altar, aliás nos fomos os únicos a dar a Bênção do Santíssimo à meia noite.

"No dia 1.º de Janeiro, às 10 horas da manhã, celebrei solenemente a missa do dia, a qual foi assistida por tanta gente que a capela e o corredor foram insuficientes para comportar o povo.

"Depois da missa, benzi o nosso presépio, um qual estava uma maravilha! Durante a bênção os parvulinhos tocaram nas fitas e cada um tinha nas mãos uma vela acesa. Foi uma beleza! À noite deste mesmo dia, expuz novamente o Santíssimo Sacramento, perante o qual, rezei uma oração própria para aquele dia e cantei o "Veni Creator" em português, invocando, deste modo, as luzes do alto. No dia 6 de Janeiro, apesar de não ter sido feriado, contudo, celebrei, com boa frequência, a santa missa, durante a qual houve cânticos e incensei o altar, duas vezes, como manda o ritual e, depois da Bênção do Santíssimo Sacramento, prestámos uma signifi-

cativa e tocante homenagem a Jesus no Presépio. No dia 7, domingo, celebrei a missa paroquial, às 10 horas, fiz sermão e, à noite, dei a Bênção do Santíssimo e fiz a reunião ordinária da Associação de N. S. Menina. Assim, Dom Carlos, continuamos sempre e cada vez mais dispostos a trabalhar até à morte, para o progresso da IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA, neste nosso Estado natal.

"Ultimamente consegui para esta paróquia os seguintes objetos: Um presépio, um Menino Jesus no berço, um carrilhão, uma estante de metal dourado de primeira qualidade, uma estola preta para encomendação, uma capa preta de damasco ramado, um frontal branco todo bordado.

"Como no ano passado, peço novamente a V. Ex. a devida autorização para eu dar a bênção solene das velas e de S. Braz, no dia 4 de fevereiro, domingo, por causa dos motivos já alegados a V. Ex., no ano passado. Peço também licença a V. Ex. para dar a bênção das cinzas, no primeiro domingo da quaresma, porque quarta feira é um dia impróprio, devido ser dia de trabalho e de muito cansaço".

Eis como trabalha um sacerdote idealista, que quer a sua Pátria livre dos agentes secretos do Vaticano!

Esta é a diretoria da Associação de Nossa Senhora Menina, cuja fotografia estampamos:

Maria Arabela Azevedo de Andrade, Presidente; Alzira Uchoa Santiago, Vice-Presidente; Laura Carneiro Martins, Tesoureira; Eneida de Alencar Barros, Secretária; Zilma Ribeiro Alves, primeira Conselheira; Júlia Piaubino, segunda Conselheira; Casimira Pereira Alves, Maria do Carmo dos Santos Azevedo e Valire Pereira, Associadas.

Assim está constituído o Governo Paroquial de S. José de Fortaleza:

Teodorico da Costa Barroso, Secretário; Dr. Artur Castor Pinto de Mesquita, Procurador; Sarg. Moacir Santiago, Tesoureiro; Joaquim Olimpio de Oliveira, Consultor Fiscal; José Nogueira de Abreu, Consultor Fiscal; Joaquim Gurgel Nogueira, Adjunto de Secretário; Antônio Mendes, Vice Presidente; Germano Holanda, Consultor Jurídico; Olineto Milton Piaulino, Consultor Fiscal.



A diretoria da ICAB, em Fortaleza, presidida pelo Pároco, Padre Raimundo Simplicio de Almeida.



A diretoria da Associação de N.S. Menina, em Fortaleza, tendo ao centro seu diretor, Padre Raimundo Simplicio de Almeida.



O Natal da petizada, em Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. Na foto, nos fundos, o Padre Olinto Pinto e o Sr. Farah Elias Farah.

Estado do Rio de Janeiro

CABO FRIO — Cabo Frio teve, também, sua missa de Natal, celebrada, pelo Ilmo. Revmo. Sr. Padre Olinto Pinto.

Pela foto, os nossos leitores verificam a alegria da petizada, na distribuição de brinquedos, roupa, gêneros, etc., feita pela Associação de N. S. Menina. A missa de meia noite esteve muito concorrida. No dia 15 de fevereiro de 1951, foi reaberta a Escola N. S. Menina, com 30 alunos matriculados.

Já foi feita a instalação elétrica na Igreja e a Associação N. S. Menina já vai mantendo o culto e a Escola.

Cabo Frio deve essa assistência ao zelo e dedicação do Padre Olinto Pinto.

Em Janeiro, esteve em Cabo Frio, para dar assistência religiosa, o Ilmo. e Revmo. Sr. Padre Paulo Ferreira da Rocha.

Ainda este ano, devem ser encetadas as obras de instalação sanitária e da residência paroquial.

Estado de Pernambuco

RECIFE — A tenacidade, a firmeza, o espírito de luta, o caráter, numa palavra, o idealismo de ver a nossa Pátria libertada do jugo nefasto do Vaticano, do Padre Dr. Diamantino Costa, Pároco de N. S. do Carmo, de Recife, quebraram a ousadia dos frades estrangeiros fascistas, os carmelitas, que ofereceram combate à ICAB, na primeira hora, quando da sua instalação, em Recife, permitindo assim fos-

se iniciado o movimento construtivo de restauração da pureza do cristianismo, no grande Estado de Pernambuco, sentinela avançada da Pátria, no norte do país.

Aqui transcrevemos o relatório, apresentado, pelo Ilmo. Rvmo. Sr. Padre Dr. Diamantino Costa, Pároco de N. S. do Carmo, de Recife, em fins de 1950, relativo aos trabalhos de instalação da paróquia.

RELATORIO

Apresentado pelo Paróco de Nossa Senhora do Carmo, de Recife, a S. Exma. Revdma. Snr. Dom Carlos Duarte Costa, M. D. Bispo do Rio de Janeiro.

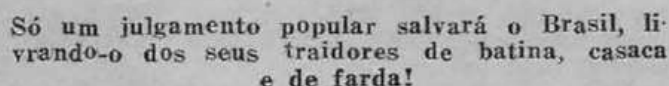
Exmo. Snr.

Esta paróquia de N. S. do Carmo, de Recife, criada por Ato de V. Exc. datado de 23 de julho de 1950, foi, devidamente instalada no dia 15 de Agosto do mesmo ano, à Travessa do Jasmin, n.º 70, desta cidade do Recife.

Os ofícios religiosos têm tido uma assistência oscilável, ora mais, ora menos, todavia, em média sempre crescente, graças a Deus.

Temos realizado de 15 de Agosto até 31 de Dezembro, os seguintes atos:

Missas dominicais	61
Missas Fúnebres	9
Missas em Ação de Graças	1



Missas Cantadas	1
Te Deum	1
Primeira Comunhão	1
Comunhões	58
Benção de domicílio	1
Benção de Alianças	1
Casamentos	—
Batisados	—
Preleções Evangelicas	13
Preleções Cívicas	2
Visitas a Enfermos	7

Temos em vista aquisição de um terreno de 22 metros por 66 de fundo, sito á Avenida Inácio Mon-

Faleceu, em Recife, aos 83 anos de idade, a exma. sra. d. Maria Candida, que, por alguns meses, dirigiu o "Externato Paulina Costa", fundado, pelo Padre Dr. Diamantino Costa, nos moldes das Escolas N. S. Menina. Por iniciativa da Diretoria do "Externato", foi celebrada missa de 7 dia.



para o descanso eterno dessa bela alma, rica de virtudes cristãs.

As aulas do "Externato Paulina Costa" já foram reabertas. Está localizado o "Externato", no populoso bairro de Beberibe.

Foram celebrados os atos da Semana Santa. A missa de domingo da ressurreição esteve uma maravilha. Muita gente, comunhões e, na assistência, gente nova.

Estado de Minas Gerais

VARGINHA — Tão grande é a insolência desse estrangeiro, Padre Odo Kaelker, Vigário "romano" de Varginha, que não podemos deixar de lavar o nosso veemente protesto.

O "Correio da Noite", órgão clerical, comprado pelo "Governo Dutra, para ser entregue ao Cardinal Dom Jaime de Barros Câmara, a fim de em suas colunas, vender o Brasil aos americanos, como porta-voz do Vaticano, em 25 de Setembro de 1950, dizia: "Não é mais necessário casar no civil". Assim um ato da nossa vida civil, é realizado por um estrangeiro. Isso devemos ao "alto patriotismo do Congresso Nacional". Não temos nada a estranhar. A Pátria acaba de ser vendida ao americano, pelo sr. João Neves da Fontoura, isto é, pelo Governo Getúlio Vargas. Não temos mais soberania nacional.

A doutrina do Vaticano sobre o casamento civil é que ele não passa de mancebia. Proíbe aos padres e fiéis assistirem ao ato e sirvam de testemunhas. (Past. Colet. n.º 457).

É proibido aos padres e fiéis visitarem os casais, unidos só civilmente. (Past. Colet. n.º 1553).

Estando em estado permanente de pecado, os unidos civilmente não podem servir de padrinhos, nem podem ter, em caso de morte, seus corpos encomendados, pelo sacerdote, nem acompanhamento ao cemitério, nem sepultura benta, nem missa de corpo presente, sétimo dia, etc. Os casados civilmente são tidos e havidos como hereges. Aqui damos o boletim espalhado, pelo Padre Odo Kaelker, em Varginha. Trata-se, nada mais, nada menos, de dar prejuízo aos servidores do Estado:

AÇÃO SOCIAL DA PARÓQUIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE VARGINHA

O Casamento Religioso já tem, por si só, efeitos civis.

Não é mais necessário casar no civil.
(Correio da Noite — 25-9-50).

Instruções para os noivos que querem beneficiar-se da nova lei: — Casamento Religioso com efeito civil

Juntamente com a habilitação para o Casamento Religioso, far-se-á, no escritório da Casa Paroquial, o preparo dos papéis para o civil. Os noivos que querem beneficiar-se desta nova lei, devem trazer as suas certidões de nascimento (certidão de idade). Para as pessoas comprovadamente não registradas providenciar-se-á o registro necessário, sem multa, ficando o registro e a certidão em Cr\$ 45,00.

Após o Casamento Religioso, o Posto Social requererá a inscrição do casamento no registro público, sendo mais tarde entregue aos noivos a certidão fornecida pelo Oficial do Registro Civil.

Após o Casamento Religioso, o Posto Social requererá a inscrição do casamento no registro público, sendo mais tarde entregue aos noivos a certidão fornecida pelo Oficial do Registro Civil.

Sua Eminência o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jayme de Barros Câmara, deseja



**NÃO QUEREMOS ESTA FALSA PAZ, E SIM
A PAZ DO AMOR AO PRÓXIMO, DA VERDADE,
DA JUSTIÇA E DA CIÊNCIA QUE DEUS NOS
DEU!**

ver os benefícios desta nova lei atingirem o maior número possível de pessoas.

Pelo Posto Social:

Pe. Odo Kaelker S. C. J."

É esse "Correio da Noite", favorável à política de que o americano é quem deve fazer o preço do nosso café, quem diz: "O que nos preocupa, nessa política altista brasileira, é o futuro dessa planta. Por abusar do preço perdemos a borracha. Insistimos no mesmo erro ao negociar o café. O norte-americano já está financiando grandes plantações na África. Em breve, não teremos a quem vender um saco".

E se dizer que o Dutra, quando Ministro da Guerra, no Governo ditatorial de Getúlio Vargas, mandava navios carregados de café, para o Vaticano vender!!! É assim o Vaticano, pelos seus agentes: Nuncio Apostólico, Cardiais, Bispos, Padres, Frades e Freiras, apunhala o Brasil!!!

Lembrem-se os bons brasileiros que o movimento de salvação da nossa Pátria, nascido com o meu telegrama, denunciando à Nação esses traidores, com a minha prisão e com a minha "excomunhão", é de caráter religioso-nacionalista, antifascista. E lembrem-se que todos os movimentos nacionalistas acabam de ser condenados pela conferência dos chanceleres americanos, que reflete o pensamento do Vaticano e da América do Norte, dos quais o Brasil, hoje, é semicolônia!!!

Nos Estados

O movimento de regeneração da Pátria está se intensificando, em todos os Estados do Brasil e nos Territórios.

A revista "LUTA!" está lida, em todo o Brasil, e é procurada com muita ansiedade, pelos bons brasileiros.

Minas Gerais tem a primazia de assinaturas e S. Paulo é onde a venda avulsa toma a dianteira, depois do Distrito Federal. Em seguida, vem o Rio Grande do Sul e Baía.

O sul de Goiás está se mexendo e já, em Pires do Rio, os simpatizantes do movimento preparam o caminho para a ida de um sacerdote da Igreja Nacional. Rio Verde, em Goiás, também, movimentase. Maranhão, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, estão intensificando a leitura de "LUTA!"

Como os brasileiros verificam, estão surgindo brasileiros dignos do Brasil, em todos os Estados, e estão vendo que o Brasil só será livre, quando forem expulsos do território nacional todos os agentes do Vaticano.

Destruídos pelo fogo os escritórios da Editora "Germinal"

Conforme os jornais noticiaram e nos foi confirmado pelo nosso amigo Prof. Dr. Roberto das Neves, em sua recente visita à nossa redação, o fogo destruiu, na noite de 24 para 25 de Janeiro, o 1.º andar do Edifício Rex, na rua Álvaro Alvim, 33, no Rio de Janeiro, onde estavam instalados os escritórios e depósitos de livros da Editora "Germinal", do Brasília Instituto de Esperanto e do Instituto de Pesquisas Grafológicas, todos estes organismos, de propriedade e direção do Prof. Roberto das Neves. Os prejuízos, avaliados em mais de oitocentos mil cruzeiros, foram totais e não cobertos pelo seguro, pois, tendo sido para ali transferidos, poucos dias antes, os referidos escritórios, não houvera tempo de assegurar o respectivo recheio.

Além de 2.200 exemplares do "Curso Completo de Esperanto", 800 de "O Meu Livro" (ambos da autoria do Dr. Roberto das Neves e por ele editados em Portugal, onde estavam proibidos pelo Santo Ofício do regime fascista de Salazar) e de 1.300 exemplares dos "Sermões da Montanha" (a obra-prima anti-vaticana do grande escritor e conhecido maçom português Tomaz da Fonseca, excomulgada e arrendida em Portugal pelos esbirros do mesmo Salazar, às ordens da Companhia de Jesus, e por isso reeditada no Brasil pela Editora "Germinal"), ficaram reduzidos a cinzas milhares de outros livros em português, espanhol, francês e esperanto, sobre filosofia, sociologia, etc., à venda na referida editora.

Dos "Sermões da Montanha" salvaram-se apenas uma dúzia ou três centenas (dos cinco mil publicados em 1948 haviam-se vendido já cerca de três mil), espalhados por livrarias e lojas maçônicas, de onde estão sendo recolhidos pelo editor. Logo que houve conhecimento da destruição dos últimos exemplares pelo fogo, começaram a aparecer nos "sebos" do Rio e de São Paulo os primeiros volumes dos "Sermões da Montanha" ao preço de \$100 e \$200 cruzeiros, preços por que era a referida obra vendida nas livrarias de livros usados, antes da sua reedição. Com o propósito de satisfazer numerosas encomendas, pede o Dr. Roberto das Neves, por nosso intermédio, às lojas maçônicas do Interior, que ainda não prestaram contas das remessas dos "Sermões da Montanha", o favor de fazê-lo com a maior urgência, devolvendo-lhe os exemplares não vendidos. Os interessados na aquisição da mesma obra devem, por seu lado, apressar-se em formular as suas encomendas, as quais serão satisfeitas à medida que forem chegando ao editor os exemplares devolvidos. Apesar de já haverem sido oferecidos por exemplares dos "Sermões da Montanha" preços superiores aos da capa, o editor decidiu manter este, que é de \$40,00.

Coisa parecida sucedeu com os exemplares do "Curso Completo de Esperanto", dos quais escaparam apenas algumas dúzias depositadas em livrarias, e centros esperantistas. Os interessados nos cursos de língua mundial por correspondência, que tinham por base aquela obra, devem igualmente solicitar a sua inscrição nos mesmos, afim de poderem ver satisfeitos seus pedidos, à medida que o Instituto Brasileiro de Esperanto for recuperando os poucos exemplares dispersos.

Quanto ao 1.º n.º do jornal "Cidadão do Mundo", arderam os poucos exemplares que haviam sido reservados para coleções. Só poderão por isso, ao que nos comunica também o Dr. Roberto das Neves, ser

fornecidos alguns dos que porventura venham a ser devolvidos na liquidação, a que se está procedendo nas bancas de jornais.

Durante a visita que nos fez, declarou-nos o nosso amigo Prof. Roberto das Neves:

— Havia e ha, em diversos sectores de opinião, interessados em fazer-nos emudecer, cessando a nossa atividade editorial, esclarecedora e educativa. Esses devem ter esfregado as quatro patas de contentamento, ao saber do ocorrido: o incêndio que destruiu os nossos escritórios e depósitos de livros. Tais jesuitas só transitariamente, porém, lograram o seu objetivo, pois, habituados aos revezes da sorte e ao preço que pagam pela alegria de cumprirem o seu dever todos os pioneiros do progresso, estamos dispostos a prosseguir, com a mesma fé, na luta em prol do advento de um mundo melhor, de liberdade, e justiça e de pão para todos. Aos idealistas, aos homens sinceros e de boa-vontade, solicito que nos enviem imediatamente os seus endereços (pois os nossos fichários foram também tragados pelo fogo), a fim de que possamos continuar a remeter-lhes, como vínhamos fazendo, o "Cidadão do Mundo" e os nossos catálogos de livros.

Toda correspondência deve continuar a ser endereçada para a Editora "Germinal" ou para o seu gerente, Prof. Dr. Roberto das Neves, Caixa Postal 142 — Lapa — Rio de Janeiro.

CRISTO O MAIOR DOS ANARQUISTAS

A redação de "LUTA!" recomenda, a todos os seus leitores, o importante livro: "CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS", que nos apresenta CRISTO coordenando, dentro da sua missão de VERBO DE DEUS, a HUMANIDADE, para apresentá-la, ao PAI CELESTIAL, purificada de todo e qualquer racismo, e todo e qualquer classismo, de toda e qualquer casta, elementos perturbadores da Ordem Social, por se afastarem da filosofia de Cristo, que é a filosofia do Amor ao próximo, conduzindo ao Amor de Deus.

Aníbal Vaz de Melo, autor desta obra prima de sociologia cristã, merece a consagração de todos os bons brasileiros.

A REDAÇÃO

Pedidos ao Dr. Aníbal Vaz de Melo
Caixa Postal 470
BELO HORIZONTE
Est. de Minas Gerais

UM DESEERTO DE HOMENS

Domingos Magarinos

"Feliz a Nação, escreveu Span, que possui bastante espaço vital para, nos limites das suas próprias fronteiras, realizar uma política de expansão; crescer por dentro."

O Brasil, em face deste critério, desta síntese, é uma Nação feliz, mas, a meu ver, a Nação, sem o Homem, não existe, e o Homem, física e moralmente incapaz, isto é, sem resistência fisiológica e capacidades mentais e psíquicas, decorrentes de uma criação, educação e cultura racionais, não pode cumprir os seus mínimos deveres cívicos e patrióticos. É mais do que inútil; é prejudicial. Nem, sequer, defende e cultiva a terra, onde nasceu.

A criação, a educação, a instrução e a cultura racionais, do brasileiro, constituem, portanto, a pedra angular da sua organização, política, social e económica.

Cada um de nós tem, no ambiente em que vive, a sua função individual e coletiva, direta ou indireta, consciente, mas, para a eficiência normal desta função, precisa adquirir energias e elementos indispensáveis.

Somos, a sociologia nos demonstra, átomos, moléculas, células desse gigantesco organismo, a Nação, o País, a Terra, onde vivemos, e, como a biologia nos ensina, todas essas partículas, por mais insignificantes, têm a sua utilidade, o seu encargo, em prol da enrritmia biológica, o equilíbrio funcional, a unidade orgânica que deve presidir a associação, o intercâmbio entre esses seres superiores ou inferiores, simples ou complexos, rudimentares ou perfeitos.

É preciso, portanto, que todos os brasileiros adquiram as energias e os elementos indispensáveis à cooperação individual e coletiva que lhes compete, no fiel cumprimento integral deste cívico e patriótico dever sagrado.

É a missão evangélica do pedagogo e do didata, Civil ou militar.

O aluno não é, exclusivamente, músculos, nervos e cérebro. É, também coração.

O aluno não é, exclusivamente, energia, sensibilidade e raciocínio. É, também, alma, espírito, restrinjam, como quizerem, a significação verdadeira do vocábulo. É, sobretudo, consciência, pensamento, vontade e caráter, síntese da sua personalidade.

A pediatria, a pedagogia e a didática contemporâneas cogitam de fortalecer-lhe a estrutura física, desenvolver-lhe as capacidades intelectuais, mas, em geral, descaram da formação e requinte desta síntese da sua personalidade, o caráter que, como os músculos, os nervos e o cérebro, também, necessita de adequado exercício, carece de conveniente função para atingir o natural desenvolvimento.

A verdadeira finalidade da escola não é ministrar, exclusivamente, ginástica física e mental; é conferir ao aluno uma criação, uma educação, uma instrução, uma cultura correspondentes aos três aspectos da individualidade humana: corpo, mente e alma.

Adotar processos que contribuam para transformar o inconsciente em consciente, o instinto em razão, o animal em homem e o homem em super-homem.

A verdadeira finalidade da escola não é despersonalizar, desnacionalizar, metamorfosear, em suma, o brasileiro em criminoso traidor da Pátria, a serviço de inconfessáveis interesses pessoais ou de instituições estrangeiras, o pólvora xenocrático que nos haure o sangue, o plasma, a própria vida.

Sou dos que pensam, convictamente, que a criação, a educação, a instrução e a cultura devem, de início incutir, no ânimo da criança, as noções, ao

seu alcance, dos deveres para com Deus e a própria Humanidade.

Sou, também, dos que se inspiram na singela e perfeita moral cristã — cristã, não confundam! — sintetizada no singelo e perfeito aforismo: "Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo, como a ti mesmo."

Sou, ainda, dos que procuram, sinceramente, cumprir a Lei que Jesus "não veio destruir e sim, confirmar." Lei que se resume em amar, perdoar e socorrer os que precisam do nosso auxílio.

O homem que desconhece a sublimidade, a magnitude, a humana moral, a divina moral deste excelso preceito, confirma, a cada instante, a velha e justa sentença de Plauto: "*Homo homini lupus*", o homem é o lobo do homem.

O que se verifica, presentemente, na culta e civilizada Europa, onde a decadência física, mental e psíquica dos povos e, conseqüentemente, das nações, é fato incontestável, decorre, principalmente, do sacrilégio dos inquisidores que "lançaram, às fogueiras inquisitórias, o Evangelho da Resignação, o Cristianismo, pregado por Jesus de Nazare". O homem precisa *religar-se* a Deus.

Isto não quer dizer, porém, que o ensino religioso, como o compreendem, geralmente, deva ser ministrado, nas escolas, colégios, ginásios e universidades mantidos pelo Estado. O Catolicismo não é a única Religião.

O ensino católico, obrigatório ou facultativo, nos educandários mantidos pelo Estado, é um desrespeito à Constituição, em vigor, um atentado à Soberania Nacional. Ensino religioso, seria o ensino de todas as Religiões.

O ensino público, no Brasil, é leigo, porque, a letra e o espírito da nossa Carta Magna, nos outorga liberdade de pensamento, consciência, crença e culto religioso. Temos o direito e o dever de pensar e agir de acordo com a Constituição. Ninguém, sob a égide patriótica do ensino público, municipal, estadual ou federal, tem o direito, em face das leis constitucionais, em vigor, de fixar, insculpir, gravar, *ardilosamente*, no subconsciente da criança brasileira, os dogmas e os mistérios da Religião Católica Apostólica Romana ou melhor, obrigar todos os brasileiros a professar a Religião Católica Romana, a "Religião Tradicional, a Religião dos nossos pais", como costuma proferir, do púlpito, a patética e lacrimogica demagogia clerical.

Aos pais e não ao Estado, cumpre transmitir aos seus filhos as tradições e as crenças das suas respectivas famílias. O Estado não tem e não pode ter Religião, afim de obrigar os "fanáticos ou mistificadores", de acordo com a Constituição e a máxima imparcialidade, a respeitarem a Religião dos outros.

Sou cristão, mas, não exijo e ninguém tem este direito, que a totalidade do povo brasileiro seja cristã, e, muito menos, que o Estado, que deve prestigiar a Lei e a Soberania Nacional, imponha, ao povo brasileiro, esta ou aquela Religião, este ou aquele critério religioso, como no caso do divórcio.

Seria justo, legal, impôr, aos católicos romanos, a verdadeira Religião do Cristo? Amor, perdão e caridade? Humildade, tolerância e abnegação?

O próprio regime que adotamos a 15 de Novembro de 1889, não cogita de Religião Oficial e, muito menos, de privilégios e monopólios religiosos.

Por que motivo, por exemplo, haveríamos de ser maniqueístas, acreditarmos no Inferno e no Diabo, e obedecermos, cegamente, aos seus sacerdotes que só intentam levar para os cofres de suas matrizes, em

(Cont. na pág. 23)